



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARINA ALVES DO CARMO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E MEMES DO BODE GAIATO:
O QUE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE
ITAPOROROCA-PB TÊM A DIZER?**

**GUARABIRA
2022**

MARINA ALVES DO CARMO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E MEMES DO BODE GAIATO:
O QUE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE
ITAPOROROCA-PB TÊM A DIZER?**

Pesquisa apresentada como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientador: Prof. Me. André Luiz Souza da Silva

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C287v Carmo, Marina Alves do.
Variação linguística e memes do Bode Gaiato [manuscrito]
: o que docentes de língua portuguesa da educação básica de
Itapororoca-PB têm a dizer? / Marina Alves do Carmo. - 2022.
69 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Me. André Luiz Souza da Silva ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Variação linguística. 2. Gênero digital. 3. Ensino de
Língua. 4. Meme do Bode Gaiato. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MARINA ALVES DO CARMO

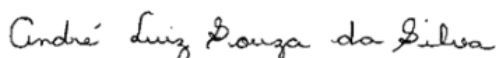
**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E MEMES DO BODE GAIATO:
O QUE DOCENTES DE LÍNGUA PORTUGUESA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE
ITAPOROROCA-PB TÊM A DIZER?**

Pesquisa apresentada como trabalho de conclusão de curso ao Departamento de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística

Aprovada em: 31/03/2021.

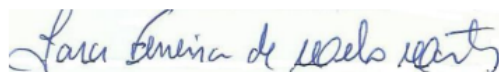
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. André Luiz Souza da Silva - Orientador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Lucas Possatti de Oliveira – Examinador externo
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins – Examinadora interna
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À mulher forte e corajosa que habita dentro de mim, que persiste firmemente diante as adversidades e das inúmeras pedras no caminho, andando sempre com a cabeça erguida. DEDICO!

AGRADECIMENTOS

Neste momento, a gratidão e emoção inundam meu coração. Foi uma árdua caminhada, então, é como muita alegria que declaro minha gratidão a todos vocês que se fizeram presentes durante toda minha jornada acadêmica.

A Deus, eu dedico a minha eterna gratidão. Sem Ele eu nada seria e jamais teria chegado até aqui, sem a sua graça divina, nunca reuniria tamanha força e coragem para trilhar essa caminhada.

Aos meus pais, Waldemar e Zefinha, expresso meu imenso amor e gratidão. Nunca poderei recompensá-los por me proporcionar um lar onde nada me faltou, por terem me ensinado o quão importante é a educação.

Ao Gilson, meu companheiro de longa data, eu externo meu carinho e gratidão, por me suportar com tamanha paciência e carinho, pelas muitas palavras de estímulos quando eu já não tinha forças para seguir em frente. Sua parceria foi primordial para que eu chegasse até aqui. Muito obrigada!

Ao meu irmão, André, que apesar das nossas diferenças foi a pessoa que mais se orgulhou com o meu ingresso na universidade. Agradeço.

Ao meu mestre e orientador, Prof. André Luiz, uma pessoa de coração imenso que aceitou o desafio de orientar minha pesquisa. Sou muito grata por toda paciência, dedicação e ensinamentos. Obrigada por ter acreditado em mim, quando eu não acreditava.

Aos meus colegas de turma (2017.1), externo minha gratidão pelos momentos de partilha de conhecimentos e descontração. Estendo esse agradecimento à querida, Clarice Dantas, pelo seu caráter humano em se dispor em me ajudar nas muitas vezes que precisei. Obrigada!

À minha amiga Aline Barbosa, minha eterna gratidão. Apesar da distância que nos separa você sempre se fez presente, oportunizando momentos de muita alegria. Agradeço pela amizade de sempre e para sempre.

A Luciene Santos sou extremamente grata, pois me fez acreditar na realização desse sonho. Minha dupla que o estágio proporcionou, fazendo-me te admirar cada vez mais. Gratidão!

Estendo meus agradecimentos aos professores que colaboraram com a minha pesquisa. E aos integrantes da banca examinadora: Profa. Iara Martins e Prof. Lucas Possatti. Obrigada!

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço ou anunciar a novidade” (FREIRE, 2019, p. 30 -31).

RESUMO

Muitos estudos se preocupam em desconstruir o preconceito linguístico que há muito tempo está enraizado em nossa sociedade. Com base nessa afirmação, os documentos oficiais brasileiros, que estabelecem normas ao que se refere à educação pública, compreendem a importância de um ensino que estimule os alunos a se expressarem e desenvolverem sua criticidade. Dessa forma, com a sociedade hipermoderna, é comum notar que, atualmente, os jovens se expressam e se comunicam por meio de recursos digitais, fazendo-se necessário introduzir nas aulas de língua materna estudos que contemplem os gêneros digitais, por exemplo. Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a compreensão linguística de 7 (sete) professores de língua portuguesa, atuantes na educação básica no município de Itapororoca-PB, para que assim possamos verificar o tratamento que dão à variação linguística com auxílio de gêneros textuais/discursivos e digitais. Justificamos a nossa intenção, ao propor o trabalho com os gêneros digitais contextualizando a variação linguística em *meme* do *Bode Gaiato*, compreendendo como os docentes podem observar e contemplar esse gênero emergente na prática de ensino/aprendizagem, favorecendo atividades relevantes para proporcionar conhecimento acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos que corroboram desenvolvimento do fenômeno da variação linguística, a partir da usualidade de recursos digitais, para assim, proporcionar uma educação que atenda às necessidades contemporâneas. Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos de Bortoni – Ricardo (2004), Antunes (2007), Bagno (2007a, 2007b), Labov (2008), Mollica (2020) e Leite (2011) para fundamentar a variação linguística e ensino de língua portuguesa junto a documentos oficiais (BRASIL, 1998, 2002, 2006, 2018) que norteiam as práticas pedagógicas para a educação. Fazemos uso também dos postulados teóricos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2008, 2010a, 2010b), Paula (2011) e Bezerra (2017) para discorrer sobre os gêneros textuais/discursivos e para discorrer sobre gêneros digitais: Galli (2010), Rojo & Barbosa (2015), Paiva (2018), entre outros. Essas proposições auxiliam no desenvolvimento desta pesquisa de cunho qualitativo, a qual foi destinada a um total de 7 (sete) docentes de língua portuguesa, entre eles, 4 (quatro) atuantes em escolas públicas e 3 (três) que executam à docência, simultaneamente, em escolas públicas e privadas no referido município, para melhor observação e precisão dos dados. Por fim, identificamos que os professores reconhecem a relevância de novas práticas pedagógicas, considerando o estudo da variação linguística contextualizada a diferentes gêneros textuais/discursivos, inclusive os *memes* do *Bode Gaiato*, ainda que nem todos já tenham feito uso desse item sociocomunicativo.

Palavras-Chave: Variação linguística. Gênero digital. *meme* do *Bode Gaiato*. Ensino de Língua.

RESUMEN

Muchos estudios se preocupan por deconstruir el prejuicio lingüístico arraigado desde mucho tiempo en nuestra sociedad. A partir de esa afirmación, los documentos oficiales brasileños, que establecen normas en lo que se refiere a la educación pública, comprenden la importancia de una enseñanza que estimule los alumnos a expresarse y desarrollar su pensamiento crítico. Así, con la sociedad hipermoderna, es común notar que, en la actualidad, los jóvenes se expresan y comunican a través de recursos digitales, siendo necesario introducir estudios que incluyan géneros digitales en las clases de lengua materna, por ejemplo. En esta perspectiva, la presente investigación tiene como objetivo general analizar la comprensión lingüística de 7 (siete) profesores de lengua portuguesa, que actúan en la educación básica en el municipio de Itapororoca-PB, para que podamos verificar el tratamiento que dan a la variación lingüística con la ayuda de géneros textuales/discursivos y digitales. Justificamos nuestra intención al proponer trabajar con géneros digitales contextualizando la variación lingüística en el meme Bode Gaiato, entendiendo cómo los docentes pueden observar y contemplar este género emergente en la práctica de enseñanza/aprendizaje, favoreciendo actividades pertinentes para aportar conocimientos sobre los factores lingüísticos y extralingüísticos. aspectos que corroboran el desarrollo del fenómeno de la variación lingüística, a partir de la comunidad de los recursos digitales, para brindar una educación que responda a las necesidades contemporáneas. Para este estudio, utilizamos los supuestos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007), Bagno (2007a, 2007b), Labov (2008), Mollica (2020) y Leite (2011) para apoyar la enseñanza y la variación lingüística. de lengua portuguesa junto con documentos oficiales (BRASIL, 1998, 2002, 2006, 2018) que orientan las prácticas pedagógicas para la educación. También hacemos uso de los postulados teóricos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2008, 2010a, 2010b), Paula (2011) y Bezerra (2017) para discutir géneros textuales/discursivos y para discutir géneros digitales: Galli (2010), Rojo & Barbosa (2015), Paiva (2018), entre otros. Estas proposiciones ayudan en el desarrollo de esta investigación cualitativa, que fue destinada a un total de 7 (siete) profesores de lengua portuguesa, entre ellos, 4 (cuatro) que trabajan en escuelas públicas y 3 (tres) que ejercen la docencia, simultáneamente. en colegios públicos y privados de dicho municipio, para una mejor observación y veracidad de los datos. Finalmente, identificamos que los docentes reconocen la relevancia de las nuevas prácticas pedagógicas, considerando el estudio de la variación lingüística contextualizada a diferentes géneros textuales/discursivos, incluidos los memes de Bode Gaiato, aunque no todos ya han hecho uso de este elemento sociocomunicativo.

Palabras clave: Variación lingüística. Género digital. *meme* Bode Gaiato. Enseñanza de lengua.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Localização do município de Itapororoca – PB	43
Figura 02 – Limão no “suvaco”	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 -	O trabalho da variação linguística nas aulas de LP.....	47
Gráfico 02 -	O trabalho com os memes do Bode Gaiato em sala de aula.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	Definição de gênero textual e discursivo.....	31
Quadro 02 -	Gêneros textuais emergentes na mídia virtual suas contrapartes em gêneros preexistentes	35
Quadro 03 -	Perguntas do questionário.....	42
Quadro 04 -	Caracterização dos informantes.....	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 –	O que dizem os professores?	45
Tabela 02 –	Relato de experiência docente.....	49
Tabela 03 –	O que dizem os professores sobre os gêneros textuais?	51
Tabela 04 –	O trabalho com os gêneros digitais.....	52
Tabela 05 –	Respostas dos docentes.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LM	Língua Materna
LP	Língua Portuguesa
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PB	Paraíba
PCEJA	Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTANDO A SOCIOLINGUÍSTICA.....	17
2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	24
3 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: DEFINIÇÃO E USO.....	29
3.1 GÊNEROS DIGITAIS E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA.....	33
3.2 O MEME DO “BODE GAIATO”: (RE)ESCREVENDO A LINGUAGEM VIRTUAL..	37
4 METODOLOGIA DE PESQUISA	41
4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	43
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: COM A PALAVRA, OS DOCENTES.....	45
5.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LP	45
5.2 UTILIZAÇÃO DE GÊNEROS DIGITAIS NAS AULAS DE LP	50
5.3 O QUE DIZEM OS DOCENTES DE LP SOBRE O <i>MEME</i> DO “BODE GAIATO”	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	64

1 INTRODUÇÃO

Os efeitos da globalização e o advento da internet proporcionaram mudanças significativas no que se refere aos meios de comunicação. Atualmente, conseguimos nos comunicar com mais rapidez e romper as fronteiras que foram criadas geograficamente, de modo a socializar com diversas comunidades e/ou povos. Como se vê, o mundo globalizado compreende a necessidades que temos de nos comunicar com outro.

A partir da interação virtual, é notório que pertencemos a uma sociedade plural e heterogênea, em que cada um vincula na internet um pouco sobre a sua cultura, ideologia, visão de mundo e outros modos de ser e servir. Para tanto, compreende-se a necessidade do uso dos gêneros textuais/discursivos, haja vista ser por meio deles que se dá a comunicação.

Sendo assim, com a sociedade hipermoderna, na qual todos estão inseridos no mundo virtual, surgem gêneros que atendem às nossas necessidades, uma vez que com seu uso podemos nos expressar, apontar nossos conhecimentos de mundo, refletir acerca de diversos temas e ainda nos divertirmos. Nesse sentido, surge a necessidade de introduzir estudos que contemplem os gêneros digitais nas salas de aulas.

No Brasil, através dos documentos oficiais, já está previsto tal inserção nas aulas de língua materna. Pois, como se sabe, os jovens são a maioria dos navegantes da rede digital, portanto, é de suma importância contemplar práticas de ensino nas quais os discentes possam interagir e aguçar a reflexão, inclusive linguística. Desse modo, laçamos mão nesse estudo evidenciar acerca de usos sociais da língua em gêneros digitais.

Nessa perspectiva, temos como interesse a conscientização sobre a variação linguística, galgando a compreensão da inexistência das noções de “certo” ou “errado” na língua. Para isso escolhemos o gênero digital *meme*, haja vista ser muito utilizado e compartilhado nas redes, principalmente por aqueles que têm idade escolar. Assim, consideramos o trajeto de vida dos jovens discentes. De modo que, através da leitura de gêneros digitais, seja possível refletir e conscientizar, a fim de contribuir para uma ruptura no tão recorrente preconceito linguístico.

Desde que iniciei no curso de Letras-Português, me comprometi a promover um ensino de língua portuguesa no qual não fosse necessário apontar “erros” ou “acertos”, mas apresentar possibilidades ao que concerne a fala e a escrita dos discentes. Essa motivação surgiu pelo fato de ter sido muito ridicularizada quando cheguei do Rio de Janeiro para morar na Paraíba, pelas minhas falas e expressões características daquela região – ainda que

reconheça que os apontamentos que sofri não se equiparem aos que nordestinos, historicamente, sofrem quando migram para outras regiões.

Então, quando me deparei com a disciplina de sociolinguística na graduação, percebi que estava no curso certo, pois compreendi a importância de contemplar ações pedagógicas voltadas a reflexões de uso da língua. Posto isso, justificamos a nossa intenção ao propor o trabalho com os gêneros digitais contextualizando a variação linguística através do *meme* do *Bode Gaiato*, parte da ideia de compreender como os docentes podem observar e contemplar esse gênero emergente na prática de ensino/aprendizagem, favorecendo atividades relevantes para proporcionar conhecimento acerca dos fatores linguísticos e extralinguísticos que corroboram o desenvolvimento do fenômeno da variação linguística, a partir da usualidade de recursos digitais, para assim, proporcionar uma educação que atendam às necessidades contemporâneas.

Diante dessas afirmações, objetivamos, de maneira geral, analisar a compreensão linguística de 7 (sete) professores de língua portuguesa, atuantes na educação básica no município de Itapororoca-PB, para que assim possamos verificar o tratamento que dão à variação linguística, com auxílio de gêneros textuais/discursivos e digitais, tendo como objetivos específicos: a) examinar a abordagem dos docentes sobre a ocorrência do fenômeno da variação linguísticas em salas de aula; b) compreender como os professores se posicionam sobre o uso de gêneros textuais/discursivos e digitais nas aulas de língua portuguesa; além de c) refletir sobre os impactos da sociolinguística frente ao processo de ensino/aprendizagem.

Para atingir os objetivos, tomamos uma metodologia de cunho qualitativo, que foi realizada através da participação dos professores através da ferramenta *Google Forms*, por meio da qual organizamos um questionário dividido em duas etapas: 1) com perguntas referentes ao perfil pessoal e profissional dos participantes e 2) com perguntas destinadas a promover a análise da pesquisa. A pesquisa conta com a participação de um total de 7 (sete) docentes de língua portuguesa, entre eles, 4 (quatro) atuantes em escolas públicas e 3 (três) que executam à docência, simultaneamente, em escolas públicas e privadas no município de Itapororoca-PB, para melhor observação e precisão dos dados.

Para este estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos de Bortoni-Ricardo (2004), Antunes (2007), Bagno (2007a, 2007b), Labov (2008), Mollica (2020) e Leite (2011) para fundamentar a variação linguística e ensino de língua portuguesa junto a documentos oficiais (BRASIL, 1998, 2002, 2006, 2018) que norteiam as práticas pedagógicas para a educação. Além, dos postulados teóricos de Bakhtin (1997), Marcuschi (2008, 2010a, 2010b), Paula

(2011) e Bezerra (2017) para discorrer sobre os gêneros textuais/discursivos e sobre gêneros digitais: Galli (2010), Rojo & Barbosa (2015), Paiva (2018) entre outros.

Além dessa seção introdutória, este trabalho está dividido em cinco capítulos, os quais obedecem à seguinte ordem: no primeiro capítulo a introdução, no segundo capítulo, apresentamos os fundamentos da Sociolinguística e suas contribuições para o ensino de língua; já no terceiro capítulo, expomos as concepções acerca de gêneros textuais e discursivos, em que apontamos a relação de um sobre o outro de maneira complementar, como também, a importância dos gêneros digitais para as atividades pedagógicas, nos quais destacamos o *meme* da internet, para as aulas de língua portuguesa; no quarto capítulo, apresentamos o trajeto metodológico: natureza, sujeitos e instrumento; no quinto capítulo, consideramos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir dos dizeres dos docentes participantes; e por fim, apresentamos considerações finais acerca da análise realizada e as referências usadas como embasamento.

2 FUNDAMENTANDO A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística é um dos campos de estudos linguísticos, sendo uma ciência que não limita sua concepção de língua ao que a gramática normativa comunga, uma vez que seu objetivo é compreender os fenômenos linguísticos em meio às relações entre língua e sociedade, ou seja, os sociolinguístas compreendem que vivemos em uma sociedade plural e heterogênea. Então, tal campo de estudos compreende que, seja qual for a língua, ela é natural, não é limitada aos compêndios da gramática normativa, pois “[...] a língua é uma estrutura maleável, que apresenta variações [...]” (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 146), toda e qualquer língua é viva, constituinte da história e da cultura de seus falantes, sendo item oportuno para a reflexão acerca do funcionamento e uso da língua.

Os estudos sociolinguísticos¹ surgem por volta de 1960, na América do Norte, a partir dos pressupostos teóricos de William Labov – um dos principais nomes que cerca essa vertente, também considerando um precursor desse campo. Como todo estudioso e pesquisador, Labov tinha seus receios: “por vários anos, resisti ao termo *Sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p.13, grifo do autor). A partir dessa constatação, é possível compreender que o receio do teórico era de que outros pesquisadores pudessem pensar que possa existir uma linguística que não compreenda a língua como algo que se intersecciona com a sociedade. Nessa direção, Labov (2008) ressalta:

Todo linguista reconhece que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. Quando os linguistas escrevem sobre mudança linguística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem. Alguns ampliam sua visão para incluir uma ampla gama de fatos sobre os falantes e seu comportamento extralinguístico, enquanto outros estreitam sua visão para excluir o máximo possível (LABOV, 2008, p.302, grifos nosso).

À luz desses pressupostos, é notório que todo e qualquer estudo linguístico está ligado aos aspectos sociais em alguma medida. Todavia, não serão todos os estudiosos e pesquisadores da língua que darão a mesma relevância a esse fato. No entanto, “Labov demonstrou que a mudança linguística é impossível de ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, pois, pressões sociais são exercidas constantemente sobre a

¹ A Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, consiste em explicar o fenômeno da variação linguística que ocorre em sociedade. À vista disso, Veloso (2014), pautada nas proposições da linguista Penélope Eckert, explica que a teoria da variação precisou passar por reconfigurações, de modo, a dividir esse estudo em três ondas. Apesar dessa divisão, a autora salienta que as ondas têm um mesmo objetivo: o estudo da variação linguística.

língua” (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 147). Porém, é importante salientar que independente do uso da linguagem formal, informal ou semiformal todas têm um único objetivo: a comunicação. Nessa direção, notamos a importância dos estudos sociolinguísticos para combater o preconceito linguístico, como ressalta Mollica (2020):

Toda língua, portanto, apresenta variantes mais prestigiadas do que outras. Os estudos sociolinguísticos oferecem valiosa contribuição no sentido de destruir preconceitos linguísticos e de relativizar a noção de erro, ao buscar descrever o padrão real que a escola, por exemplo, procura desqualificar e banir como expressão linguística natural e legítima (MOLLICA, 2020, p. 13).

Compreendemos que ainda é muito difícil trabalhar com proposições da Sociolinguística em sala de aula, pois muitos professores não têm formação adequada e/ou continuada para favorecer aulas de língua portuguesa além do que é proposto pela gramática normativa. Sendo assim, Bortoni-Ricardo (2005, p. 127-128) esclarece que “a sociolinguística tem papel relevante e específico no processo educacional, mas sua forma de contribuir para esse processo tem de ser revista”, ou seja, é necessário que os docentes enxerguem a Sociolinguística, exercitem e aceitem, além de modificar suas posturas metodológicas. Destarte a galgar um ensino/aprendizagem reflexivo e inclusivo, compreendendo as variantes linguísticas como fenômeno comum.

Uma vez que, a escola é um dos primeiros ambientes no qual expandimos os vínculos comunicativos, onde conhecemos outras pessoas e compartilhamos um pouco de nossas experiências e vivências. É na escola, no convívio com outros sujeitos, que o aluno terá contato com pessoas distintas, então é através desse “[...] contato que deve levar o aluno a conhecer as diferenças individuais, aceitá-las, e reconhecê-las como legítimas em uma sociedade formada por elementos não idênticos, mas igualmente essenciais” (LEITE, 2011, p. 17).

Então, é também no ambiente escolar, onde deveríamos reconhecer e respeitar a particularidade de cada integrante da nossa sociedade. Porém, não é exatamente isso que ocorre, logo, nos deparamos com educadores que assumem uma posição superior aos alunos, de modo que os alunos são considerados esponjas que estão naquele local apenas para absorver conhecimento, não havendo troca entre o educador e o educando. Não obstante, Leite (2011, p. 18) enfatiza:

A escola geralmente assume uma postura contraditória ante as diferenças individuais, seja devido às origens sociais – privilegiando os alunos de classe média-alta, ignorando ou se compadecendo dos alunos de classe baixa, os chamados “alunos carentes”, alvos dos programas de assistência; seja devido às diferenças raciais – agindo com um preconceito embutido contra alunos de origem negra,

principalmente, mas também contra índios e mestiços. Em escala nacional, os alunos nordestinos são os mais marginalizados, não só em função das diferenças econômico-sociais, mas também dialetais e culturais. Outras diferenças de ordem religiosa, ideológica, etc. são também motivos para conflitos sociais na escola. A relação entre alunos, por sua vez, é fundamentada na imagem que a sociedade faz das diferenças entre as classes e que é, de alguma forma, legitimada pela escola, ou seja, sempre que as posições dos alunos da classe dominante são ratificadas pelos professores, em virtude das semelhanças sociais de ambos, em confronto com os demais alunos, a escola confirma a superioridade daqueles sobre estes.

Podemos observar que a escola privilegia o falar elitizado, ou seja, geralmente, a escola assume uma postura preconceituosa, visto que as variedades mais privilegiadas são faladas pelos mais ricos. Nessa direção, constatamos como isso ocorre no ensino de língua portuguesa, quando os diferentes dialetos nordestinos são tidos como de menor prestígio social quando comparados aos de outras regiões. Como ressalta Leite (2011):

Assim como a cultura das classes dominantes é altamente valorizada e divulgada, a língua dessas classes tem o mesmo tratamento. Os padrões culturais e linguísticos dos alunos da classe dominada, por sua vez, além de não serem aceitos pela escola e professores, são considerados errados (LEITE, 2011, p. 24).

Logo, notamos que geralmente o ambiente escolar pretende rotular os estudantes, de modo a não compreender o quanto somos singulares, que é possível que tenhamos culturas distintas mesmo residindo e frequentando os mesmos lugares, que existe uma ampla distinção econômica e social em uma única nação. Então, é através do convívio com nossos familiares e com nossos colegas de escola que observamos o quanto somos distintos uns dos outros, mas que tal distinção não nos torna superiores, sendo assim, “podemos chamar esses ambientes, usando uma terminologia que vem da tradição sociológica, de *domínios sociais*.” (BORTONIRICARDO, 2004, p. 23, grifo da autora).

Haja vista ser em cada um desses ambientes que assumimos nossos direitos e devemos respeitar nossos semelhantes, porém é na escola tradicional onde somos vistos como seres “sem experiências” e, por essa razão, precisamos ser moldados e padronizados. É lá que as concepções de “certo” e “errado” em relação ao português brasileiro são alimentadas e defendidas por alguns professores, não só os de língua, é válido mencionar, pois essa cultura dos “erros de português” atravessa toda a estrutura escolar.

Também é comum vivenciarmos e/ou presenciarmos situações nas quais nós ou outras pessoas são ridicularizadas, pelo fato de usar qualquer expressão que não se encaixe nas regras engessadas pela norma padrão. Portanto, os estudos sociolinguísticos são importantes para que atos de preconceito sejam amenizados nas diferentes esferas sociais. Posto isso, Bagno (2007a) afirma que:

Enquanto a Gramática Tradicional tenta construir uma “língua” como uma entidade homogênea e estável, a Linguística reconhece a língua como uma realidade intrinsecamente **heterogênea, variável, mutante**, em estreito vínculo com a dinâmica social e com os usos que dela fazem seus falantes. Uma sociedade extremamente dinâmica e multifacetada só pode apresentar uma língua igualmente dinâmica e multifacetada (BAGNO, 2007a, p.73, grifo do autor).

É evidente que o ensino tradicional tem enfoque no ensino gramatical e suas regras, desprezando a diversidade linguística do educando. Por consequência, o falante monitora seu jeito de falar, a fim de tentar se adequar ao contexto situacional de comunicação, mesmo compreendendo que as normas gramaticais não cabem a todas as situações de comunicação. Junto a isso, é possível afirmar que os fatores extralinguísticos influenciam na variação, por esse motivo a Sociolinguística surge no intento de investigar a inerência da variabilidade linguística na própria estrutura da língua.

Pelo exposto, compreendemos que um dos princípios da Sociolinguística é mostrar que a língua e suas variações linguísticas estão correlacionadas, e o papel dos sociolinguístas é observar as diferentes variações da língua e apresentar os motivos que a levam a variar, haja vista que nada na língua nada é por acaso, conforme já apontara Bagno (2007a). Dessa forma, Cezario e Votre (2018) expõem que nos estudos sociolinguísticos:

Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. Em outras palavras, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fenômenos estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos[...]. (CEZARIO; VOLTRE, 2018, p. 141, grifo nosso).

Nessa perspectiva, observamos que os estudos sociolinguísticos têm buscado compreender os motivos que levam uma língua a variar, desse modo, é possível perceber que a variação linguística é um fenômeno que está relacionado a questões extralinguísticas. Portanto, quando se trata de variação linguística é preciso entender que diversos fatores podem contribuir para que isso ocorra.

É fácil afirmar que a língua está em constante transformação, assim, fatores como faixa etária; sexo/gênero; status socioeconômico e entre outros condicionadores serão elencados como justificativas para que possamos compreender a língua enquanto fenômeno social que se encontra no espaço da heterogeneidade, ou seja, a Sociolinguística procura romper a ideia de que existem erros linguísticos, mostrando que uma mesma língua pode apresentar variações e mudanças em um recorte sincrônico. Algumas pronúncias, por

exemplo, que são caracterizadas como “erro” atualmente, em algum momento da história já estiveram em caráter de prestígio na língua, como afirma Bagno (2007a, p.74, grifo do autor):

[...] o suposto “erro” é na verdade perfeitamente explicável: trata-se do seguimento de uma tendência muito antiga no português (e em outras línguas) que os falantes rurais ou não escolarizados levam adiante. Esse fenômeno tem um nome técnico na Linguística histórica: **rotacismo**. Muitas dessas palavras com R estão documentadas em textos escritos no português medieval, indício de que, em algum momento da história, elas gozaram de prestígio, antes de serem substituídas (no século XVI, no período da relatinização) pelas formas com L. Isso para não mencionar a ocorrência de PRANTA, PRUMA, PUBRICA, INGRÊS na obra-prima de Camões, *Os Lusíadas* (1572), em pleno período renascentista.

Podemos verificar que Bagno (2007a) expõe alguns exemplos de pronúncias que são condenadas como erros, segundo regras estabelecidas pela gramática normativa e fortemente compartilhadas pelo senso comum. É muito comum relacionar esses discursos a pessoas que têm pouca escolaridade, a pessoas nordestinas e que encontramos em situação econômica menos favorecida, de modo a desprestigiar não apenas essas expressões, mas também os falantes em um movimento de metonímia, conforme aponta Milroy (2011). Porém, quando esses episódios de preconceitos ocorrem, compreendemos que aqueles que repudiam tal variação às vezes não têm conhecimento acerca da história da sua própria língua, no entanto, alguns possuem esse conhecimento e continuam se respaldando na tradição gramatical.

Esses exemplos são muito comuns de ocorrência na Língua Portuguesa. Visto que, diversas vezes são apresentados através de diferentes gêneros textuais nos livros didáticos para que os alunos possam corrigir o “erro”, acarretando na disseminação do preconceito linguístico. O qual poderia ser combatido se fosse ensinado nas aulas de língua portuguesa que tais expressões não são erros, elas são a forma primária das palavras que derivam da língua latina, ou seja, “[...] tudo que é chamado de “erro” tem uma explicação científica, tem uma razão de ser de ordem fonética, semântica, sintática, pragmática, discursiva etc.” (BAGNO, 2007a, p.74). Dessa forma, as pesquisas sociolinguísticas buscam explicações relevantes para esses fenômenos, afim de desmistificar a ideia de que algumas pessoas têm de que não sabem falar direito ou que o português é muito difícil.

Sendo assim, é notória a importância de estudos que contemplem os aspectos históricos, culturais e linguísticos, de maneira que sejam levados para as salas de aulas não apenas as regras enrijecidas pela norma padrão, haja vista a necessidade que temos de nos comunicar com pessoas de diversas matrizes culturalmente e socialmente. Por esse motivo, é necessário que professores de línguas, em especial os de língua portuguesa, tenham cuidado ao incentivar discursos que consolidam práticas de exclusão pela linguagem, como enfatiza Cezario e Voltre (2018):

Os sociolinguístas postulam que os dialetos das classes desfavorecidas não são inferiores, insuficientes e corrompidos. Afirmam que esses dialetos são estruturados com base em regras gramaticais, muitas das quais diferentes das regras do dialeto padrão. Dessa forma, a sociolinguística cria nos (futuros) professores uma visão menos preconceituosa e incentiva-os a valorizar todos os dialetos e a mostrar à criança que o dialeto culto é considerado melhor socialmente, mas que estruturalmente e funcionalmente não é nem melhor nem pior que o dialeto da comunidade do aluno (CEZARIO; VOLTRE, 2018, p. 152).

Como se vê, formar professores comprometidos com a atividade de ensino/aprendizagem inclusiva não é uma tarefa fácil, por isso que defendemos nesse estudo que os futuros docentes devam expor conteúdos que contemplem a diversidade linguística, para que assim, possamos considerar as diferentes realidades bem como as experiências de vida dos educandos, para que assim eles venham a se tornar cidadão críticos e reflexivos, com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional.

No Brasil, a professora de linguística Stella Maris Bortoni Ricardo se destaca como precursora acerca desses estudos, assim, Bortoni-Ricardo (2017, p. 158) justifica: “Denominei Sociolinguística Educacional o esforço aplicado aos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógicos mais efetivas.”. Como se vê, um dos objetivos da sociolinguística educacional é buscar sanar as dificuldades que são encontradas na educação brasileira, que muitas das vezes se limita a ser desigual e, por essa razão, oferecer uma educação de qualidade tende a ser uma atividade complexa e cheia de desafios, uma vez que estamos nos referindo às ações de ensino/aprendizagem em um país onde pouco se investe na educação pública.

Indubitavelmente, os estudos sociolinguísticos são importantes para o ensino de línguas, visto que, através desses pressupostos teóricos, podemos formar profissionais mais comprometidos com o processo de ensino/aprendizagem voltados a contemplar a realidade contemporânea. Para tanto, é necessário que educadores reflitam e alterem suas práticas docentes, de modo que, quando estiverem ensinando categorias da gramática normativa, não desprestigiem as nossas variantes maternas, aquelas que aprendemos em nossas casas, no convívio com nossos familiares e amigos. A nossa língua é também nossa identidade. Compreendemos o quão importante são os estudos acerca da gramática normativa, porém, a língua não é apenas um conjunto de regras. Portanto, Bortoni-Ricardo (2004, p. 38, grifo nosso) afirma que:

Nas últimas duas décadas, os educadores brasileiros, como destaque especial para os linguistas – seguindo uma corrente que nasceu da polêmica entre a postura que considera o “erro” uma deficiência do aluno e a postura que vê os chamados “erros” como uma simples diferença entre duas variedades -, têm feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do

educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, **uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam na escola, e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre as diferenças.**

É notório que a Sociolinguística é um campo de estudos amplo. Mas, nesse estudo pretendemos nos deter aos estudos da Sociolinguística Educacional, de modo que possamos reconhecer que essa ramificação não busca identificar o que é “certo” ou “errado”, tampouco o que é considerado “bonito” ou “feio” na língua, ao contrário, é a partir de pesquisas realizadas na área que buscamos alcançar reflexões abrangentes acerca das diferenças sociais e linguísticas. Dessa forma, compreende-se o quão importante são esses estudos, principalmente para a área da educação, haja vista ser papel de docentes a promoção de uma educação inclusiva e crítica.

Para tanto, a Sociolinguística educacional busca conscientizar os educadores de língua, a fim de se tornarem conscientes que é mito a existência “[...] de uma língua uniforme, sem variação, sem adequação à situação que é usada e, lá no fundo, o outro mito de que a norma culta é inerentemente melhor que as outras” (ANTUNES, 2007, p. 104), ou seja, não existe uma língua que não apresente variação, a qual os falantes não precisem monitorar a sua fala à depender da situação de uso. Nesse intento, Antunes (2007) afirma que:

Existe situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas sejam ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, E, como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua (ANTUNES, 2007, p. 104).

Portanto, trabalhar a variação linguística é compreender que fazemos parte de uma sociedade plural, sendo assim, é comum que existam diversas formas de se falar uma mesma coisa, que diversos fatores contribuam para que ocorram essas diferenças. Estamos certos que a língua não é algo enrijecido; ela é um fato social e mutável, servindo a propósitos comunicativos e interacionais, e por essa razão ela não será encontrada de uma única forma. Assim, as pesquisas sociolinguísticas defendem toda e qualquer forma de falar como plena e funcional, estabelecendo a valorização e o respeito acerca da diversidade linguística.

A partir dessas constatações, compreendemos a relevância desses estudos para a atividade educacional, especialmente para o ensino de línguas. Assim, na seção a seguir iremos nos deter a apresentar alguns parâmetros estabelecidos por documentos oficiais brasileiros, acerca do trato da variação linguística na educação básica.

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, pretendemos discutir acerca do tratamento dado ao ensino de Língua Portuguesa, com ênfase na variação linguística, a partir da reflexão de alguns documentos norteadores da educação brasileira, que visam à dificuldade dos docentes em trabalhar tal temática em salas de aula.

Dessa forma, professores podem recorrer aos documentos oficiais para buscar encaminhamentos pedagógicos relevantes para o processo de ensino/aprendizagem, em que os discentes possam praticar a linguagem no seio de práticas sociais, de modo, a se tornarem conscientes sobre o fenômeno da variação linguística, por exemplo. Posto isso, Hora (2021, p. 33) afirma: “o que fica claro da proposta da Sociolinguística Educacional é que sua realidade é a sala de aula, e é na interação e no uso da língua que se pauta a sua prática, isso traz implícita a vivência do aluno em seu cotidiano”. Assim, notamos como os estudos sociolinguísticos contribuem para o ensino/aprendizagem da língua, mas que suas contribuições devem ir além das aulas de língua, visto que seus propósitos permeiam todas as esferas comunicativas.

Vale ressaltar, que os documentos oficiais brasileiros, que estabelecem orientações para o desenvolvimento das metodologias pedagógicas foram pensados para dar suporte aos educadores e profissionais das escolas públicas, afim de galgar uma educação de qualidade. Para que isso fosse possível, o Governo Federal criou os PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (1998), que educadores do ensino fundamental podem recorrer a um conjunto de direcionamentos para da educação. A partir da leitura desse documento, é possível perceber que o ensino de Língua Portuguesa precisa ser ressignificado, tornando a educação um instrumento para combater preconceitos. Pensando nisso, os PCN (1998) estabelecem que é preciso: “conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado” (BRASIL, 1998, p. 33).

Como se vê, para tornar o ensino de língua inclusivo, os PCN (1998) reconhecem que é preciso respeitar a variedade linguística, a compreendendo e a valorizando. Nesse sentido, surge a necessidade de dar espaço aos educandos para que o ensino de língua ocorra a partir de situações reais. Dessa forma, as aulas de Língua Portuguesa não serão pautadas puramente no ensino prescritivo, mas de uma forma que esses conteúdos sejam propostos a partir da ideia que o ensino de língua seja pautado na sua condição de uso, para a reflexão acerca disso e retornar com os estudos para a realidade da usualidade da língua. Para tanto, os PCN (1998) afirmam que:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BRASIL, 1998, p. 31).

É notório que PCN estão há mais de duas décadas defendendo o combate a diversos mitos ainda engessados no ensino de Língua Portuguesa. Compreendemos que não é uma tarefa fácil, haja vista muitos docentes ainda defenderem a ideia de que a forma ideal da língua é aquela apresentada nos cânones literários, assim, tentam padronizar a língua portuguesa, de modo a ser empecilho na liberdade de expressão e comunicação dos estudantes. Dessa forma, identificamos que “o problema certamente está no *modo* como se ensina o português e *naquilo* que é ensinado sob rótulo de *língua portuguesa*.” (BAGNO, 2007b, p. 108, grifo do autor).

Essa insistência em tentar corrigir a pluralidade linguística do português brasileiro contribui para a disseminação do preconceito linguístico, algo que é muito difícil de se desfazer, haja vista que já está arraigado em nossa sociedade a muito tempo. Como expõe Bagno (2007b) quando afirma que o preconceito linguístico ganha mais força diariamente, quando é propagado pelos sistemas de comunicação e pelos instrumentos metodológicos de ensino. Diante desse problema, faz-se necessário que os docentes, especialmente os de língua portuguesa, tenham ciência de que estão trabalhando uma língua viva e, por essa razão, é comum que se deparem com variantes linguísticas. Sendo assim, os PCN (1998) afirmam que ela não pode seguir apenas um padrão linguístico e que:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística (sic). Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas (sic) que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. E não apenas por uma questão metodológica: é enorme a gama de variação e, em função dos usos e das mesclas constantes, não é tarefa simples dizer qual é a forma padrão (efetivamente, os padrões também são variados e dependem das situações de uso). Além disso, os padrões próprios da tradição escrita não são os mesmos que os padrões de uso oral, ainda que haja situações de fala orientadas pela escrita (BRASIL, 1998, p. 82).

A partir dessas constatações, notamos que os PCN reúnem um conjunto de orientações com objetivo de nortear a atividade docente, assim, os educadores podem pensar e repensar acerca de suas práticas de ensino, de modo que possam lecionar a disciplina de língua portuguesa contextualizada à diversidade da língua.

Então, para tornar a educação mais inclusiva, que atenda à necessidade de todos, o Ministério da Educação também estabeleceu orientações curriculares para a educação de jovens e adultos (EJA), compreendendo que muitas das vezes esse público precisou abandonar a escola para trabalhar. Sendo assim, através *da Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos* (PCEJA) ressaltamos que “a escola não pode, em hipótese alguma, estigmatizar o jovem ou o adulto em função dos traços que marcam sua fala.” (BRASIL, 2002, p. 13).

Não obstante, o Ministério da Educação lançou um documento contendo orientações para dar subsídios aos profissionais do ensino médio, que tem como um de seus objetivos principais a proposição de que os educandos possam “atuar, de forma ética e responsável, na sociedade, tendo em vista as diferentes dimensões da prática social.” (BRASIL, 2006, p.18). Pelo exposto, as *Orientações Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Médio* (OCEM, 2006) compreendem que durante o ensino médio os discentes devam ser expostos a atividades com as quais possam refletir e se posicionar de maneira crítica. Ou seja, o ambiente escolar é também um lugar que pretende preparar o alunado para o exercício da cidadania. Compreendemos que é através da linguagem que podemos nos comunicar e interagir e, por esse motivo, dependemos da socialização para conviver em sociedade. À vista disso, as OCEM (2006) destacam:

[...] o processo de desenvolvimento do sujeito está imbricado em seu processo de socialização. Dito de outro modo, é na interação em diferentes instituições sociais (a família, o grupo de amigos, as comunidades de bairro, as igrejas, a escola, o trabalho, as associações, etc.) que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem; ao fazê-lo, vai construindo seus conhecimentos relativos aos usos da língua e da linguagem em diferentes situações. Também nessas instâncias sociais o sujeito constrói um conjunto de representações sobre o que são os sistemas semióticos, o que são as variações de uso da língua e da linguagem, bem como qual seu valor social (BRASIL, 2006, p. 24).

Assim, esse documento apresenta um conjunto de ideias que contribuem para que se tenha um diálogo entre a instituição de ensino e os docentes, oportunizando a busca por melhores práticas para o processo de ensino/aprendizagem. Até então, é perceptível que há muito tempo são criadas medidas educativas públicas, as quais enxergam a língua enquanto produto social da qual dependemos para nos expressarmos. Contudo, alguns profissionais da educação ainda se mostram resistentes e conservadores ao ensino de língua portuguesa em perspectiva funcional.

Assim, mais um documento para orientar a educação brasileira se lançou no horizonte: a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). Trata-se de um conjunto de habilidades que asseguram uma educação pública de qualidade para todos, na qual são listadas competências para cada área de ensino e dividido para cada ano da educação básica, dessa forma, fica documentado o destaque dado para as necessidades dos discentes. Para tanto, nesse documento são destinadas algumas habilidades específicas para o ensino fundamental: “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2018, p.65).

Posto isso, a BNCC reitera acerca da necessidade de compreender um ensino pautado na concepção de que língua e sociedade são indissociáveis, uma vez que “[...] a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e das histórias das pessoas que a utiliza como meio de comunicação.” (CEZARIO, VOTRE, 2018, p.141). De acordo com o documento, o ensino de linguagem é um momento oportuno para o enaltecimento acerca da nossa identidade cultural e social, sendo possível estimular o respeito à pluralidade linguística. Ainda sobre a BNCC, tem-se o seguinte objetivo para o ensino médio:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490).

Como podemos ver, os documentos oficiais defendem a implantação de um ensino/aprendizagem mais humanizado, de modo, que os estudantes venham a se tornar cidadão críticos e reflexivos, dispostos e comprometidos com a sociedade na qual habitam. Por essa razão, afirmamos que não há mais espaço para um ensino de Língua Portuguesa tradicionalista, voltado apenas para o prescritivismo e metalinguagem sem aplicabilidade, pois compreendemos que a norma padrão não expressa todas as nossas realidades sociais. Para tanto, Oliveira e Wilson (2018) afirmam que:

Uma das grandes contribuições da abordagem variacionista para o ensino de língua foi a possibilidade efetiva de se superar o tratamento estigmatizado dos usos linguísticos por intermédio da consideração de que todas as expressões têm sua legitimação e motivação justificada pela multiplicidade de fatores intervenientes do âmbito social (OLIVEIRA; WILSON, 2018, p. 238)

É importante pensarmos em um ensino que trabalhe a gramática normativa como um modelo de língua com finalidade específica, sem apontar o que é “certo” ou “errado”, o que é

“adequado” ou não no contexto da comunicação, pensando muito mais em contextos de maior ou menor monitoramento. Para isso, é pertinente a utilização dos gêneros discursos/textuais para o reconhecimento das possibilidades linguística, as quais se atualizam a cada dia, principalmente com o advento da internet que nos possibilitou a expansão da comunicação, por esse motivo é pertinente os estudos que contemplem também os gêneros digitais.

3 GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS²: DEFINIÇÕES E USO

Os gêneros discursivos/textuais surgem num processo histórico, iniciado no período antes de Cristo e, por meio deles, os povos puderam se comunicar. Então, desde os primórdios, os gêneros são usados na atividade comunicativa. Porém, foi a partir da cultura da imprensa e do processo de industrialização que os gêneros se expandiram e é na atualidade, com o advento das novas tecnologias, que eles se transmitem e se propagam com mais intensidade. Sobre esse fenômeno sociocomunicativo, Marcuschi (2010a) indica o seguinte:

[...]os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornável em qualquer situação comunicativa (MARCUSCHI, 2010a, p. 19)

Os gêneros discursivos/textuais são fundamentais para o convívio e a comunicação social, eles são flexíveis e mutáveis. Por isso, ao longo dos anos, conseguimos observar a transmutação de um gênero discursivo/textual para outro, a exemplo do gênero carta que deu espaço para o gênero e-mail. Dessa forma, os gêneros discursivos/textuais têm funcionalidade para a prática social da linguagem, de modo que, é através deles que conseguimos nos posicionar socialmente.

A expressão “gênero” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Nesse sentido, é possível observar que, como Marcuschi (2008) afirma, por um longo período a noção de gênero enquanto discursivo/textual esteve ligada à literatura. Porém, observa-se que os gêneros vão além do sentido literário, pois eles têm um caráter funcional para a prática linguageira, uma vez que é através deles que conseguimos nos comunicar criticamente no mundo, argumentando, reivindicando, etc., seja de maneira oral ou escrita.

A esse respeito, Marcuschi (2010a, p. 20) define que os gêneros discursivos/textuais “Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas e cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”. Dessa forma, entende-se que o objetivo dos gêneros é ser funcional, pois ele não se faz exclusivamente em sua estrutura, mas em seu uso. Sendo assim, o gênero é primordial para a comunicação e práticas de interlocução.

² Os termos serão utilizados como intercambiáveis, considerando que os dois se referem a estruturas sociocomunicativas relativamente estáveis.

Desse modo, compreendemos que só conseguimos nos comunicar através dos gêneros discursivos/textuais. Com isso, entendemos a língua como um recurso social, histórico e cognitivo, a qual é contemplada na realidade do sujeito. E, “É nesse contexto que os gêneros discursivos/textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2010a, p.23). Dessa forma, o gênero discursivo atenta para o campo social, de modo a considerar sempre a realidade do sujeito; já quanto ao gênero textual, dispõe-se a exercer uma função específica na comunicação, apesar de entraves da nomenclatura, ambos têm sempre a finalidade de comunicar algo a alguém. Conforme explana Bezerra (2017):

[...] a teoria dos gêneros do discurso ou discursivos, referente a estudos centrados nas “situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos”, e a teoria dos gêneros de textos ou textuais, relacionada a pesquisas que se concentram na “descrição da materialidade textual” (BEZERRA, 2017, p.20).

Em seu estudo, Bezerra (2017) classifica a diferença entre gêneros discursivos de gêneros textuais. Para esse estudo a autora utiliza como referencial teórico as contribuições de Rojo (2005), sendo indispensável considerar a teoria bakhtiniana para confrontar dada teoria com outras acerca do gênero, sendo assim, é notório que existem diferenças no que diz respeito ao gênero discursivo e ao textual. Assim, “o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo[...]. Ele refrata o mundo na medida em que o reordena e reconstrói.”. (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

Para compor este estudo acerca de gêneros, faz-se necessário contemplar a teoria bakhtiniana, que define gênero quanto discursivo. Bakhtin (1997) argumenta que só se é possível que haja comunicação verbal por meio do gênero discursivo, pois é através dele que se dá a atividade humana. Ainda sobre a teoria bakhtiniana, é válido destacar a diferença entre os gêneros discursivos **primários** e os **secundários**.

Para tanto, o gênero primário se caracteriza por estar relacionado ao cotidiano, ou seja, é um gênero mais simples, a exemplo do diálogo informal. Em contrapartida, o gênero secundário é caracterizado por permear as esferas ideológicas, que contemplam a cultura, a religião e outros meios de interação do sujeito social, os quais exigem uma formalidade específica como, por exemplo, o domínio para se escrever um artigo. Sendo assim, é notório que o gênero discursivo/textual evidencia a realidade heterogênea e social do sujeito a partir da língua em uso e, nesse sentido, Bakhtin (1997, p. 282) argumenta:

Não há razões para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado. Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial

existente entre os gêneros de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

Como se vê, os gêneros discursivos/textuais não são estruturas prontas e acabadas, elas tendem a se adaptar de acordo com as demandas sociais. Partindo da concepção de gênero textual/discursivo, é relevante expor a diferença entre gênero textual e tipo textual. Antes de tudo, compreender que é por meio do gênero que se estabelece uma relação comunicativa, pois temos a ideia de que é através do texto que nos relacionamos verbalmente. Outrossim, consideramos a relação entre a comunicação verbal e o gênero textual, em que só é possível se comunicar por meio do gênero textual. Para melhor compreensão sobre as diferenças de gêneros textuais e tipos textuais, Marcuschi (2010a) apresenta o que vem a seguir:

Quadro 01: Definição gênero textual e discursivo

Tipos textuais	Gêneros textuais
<ol style="list-style-type: none"> 1. Construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas; 2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos; 3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal; 4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Realização linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas; 2. Constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas; 3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função; 4. Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, <i>outdoor</i>, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Marcuschi (2010a, p. 24).

Nesse sentido, ao observar o quadro acima, percebe-se que existe uma pequena quantidade de tipos textuais, uma vez que essa categoria é presa aos recursos linguísticos, ou seja, é o tipo textual que define a estrutura do texto, seja ele de caráter narrativo, injuntivo, argumentativo ou expositivo. Além disso, também observamos que quando se trata de gêneros discursivos/textuais podemos atentar para uma vasta quantidade, isso se deve ao que chamamos de transmutação, na qual um gênero discursivo/textual que já existe vai dando

espaço a outro mais atual. Esse processo ocorre pelo fato de que o gênero do discurso e texto está diretamente ligado às ações humanas, partindo do pressuposto que precisamos nos comunicar com o outro, ou seja, o fenômeno da transmutação acontece para atender nossas necessidades comunicativas que se modificam com o passar do tempo. Nessa constância Marcuschi (2010a) reafirma suma importância de se trabalhar com o gênero/textual no exercício de ensino/aprendizagem:

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCNs (Parâmetro Curriculares Nacionais), quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos (MARCUSCHI, 2010a, 34-35).

Nesse sentido, o teórico propõe que os gêneros podem ser encontrados em formato escrito ou oral, de modo que um não se opõe ao outro, existindo uma relação de complemento. Sendo assim, é evidente que para o ensino de Língua Portuguesa deve-se contemplar o estudo dos gêneros numa dimensão discursivo/textual. A esse respeito, Bezerra (2017) define que:

É possível afirmar que os gêneros efetivamente são tanto discursivos quanto textuais, decorrendo disso que a compreensão holística dos gêneros inclui a compreensão dessas duas dimensões que lhes são constitutivas. Abordar os gêneros, quer do ponto de vista teórico, quer do ponto de vista aplicado, apenas como discursivos ou apenas como textuais seria, portanto, abordar apenas um lado da questão (BEZERRA, 2017, p. 32).

Desse modo, o gênero deve ser visto tanto pela materialidade quanto pela sua ação. Haja vista fazer parte da nossa relação social e por isso sua importância de ser contemplado em sala de aula, a fim de tornar o ensino/aprendizagem mais interacional. Afinal, os gêneros discursivos/textuais atendem às necessidades humanas no que tange à comunicação, são maleáveis e fazem parte da ação linguageira, manifestam diferentes discursos, em diferentes momentos e diferentes culturas.

Para tanto, os PCN (1998) instituem valor ao ensino de língua, em especial o ensino do Português, pois acreditam que esse componente é importante para a vida social do sujeito, para que possa atuar de maneira crítica na sociedade a qual pertence, sendo assim, o ensino da língua não se restringe apenas às regras gramaticais. Logo, compreende-se que a língua é uma instituição social, como enfatiza Paula (2011):

O domínio da língua tem uma estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso a informação, expressa e defende pontos de vistas, partilha ou constrói visões de

mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização[...] (PAULA, 2011, p.195).

Em seu estudo, Paula (2011) classifica os gêneros como fundamentais para o ensino da Língua Portuguesa, uma vez que por meio de gêneros reflexivos, ou seja, aqueles que estimulem o pensamento crítico e social dos alunos, pode-se formar cidadãos responsáveis, afim de contemplar diferentes gêneros e compreender o significado que promovem, de maneira funcional.

Nesse sentido, a autora propõe que, para obtenção de êxito nas aulas de gêneros discursivos/textuais, os alunos contemplem também gêneros aos quais eles possam se posicionar criticamente, de modo a analisá-los e conseqüentemente desenvolver reflexões acerca das temáticas abordadas no texto. Então, é a partir desse pensamento que o aluno poderá desenvolver habilidades sociodiscursivas, como salienta Paula (2011, p.196):

[...] destaca a construção do conhecimento, pelo aluno, por meio do diálogo e da interação verbal; convertendo seu pensamento ao raciocínio e à análise, expondo seu pensamento e interagindo com o meio, habilitando-o a construção de pensamentos através do (raciocínio) do outro e/ ou de um texto, refletindo em si mesmo ou não[...]

O estudo de língua materna no Brasil é regido por documentos oficiais que parametrizam as abordagens a serem adotadas em sala de aula. Conforme as orientações educacionais, estudar gêneros textuais/discursivos é fundamental para o conhecimento da e sobre a língua, bem como da própria atividade da comunicação humana. Portanto, alguns estudiosos se prontificaram a estudar os gêneros para enfatizar a importância de abordar o assunto no campo educacional.

Para tanto, no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, os docentes devem contemplar diversos gêneros textuais/discursivos, a exemplo dos hipergêneros que surgiram com o advento da internet. Haja vista que, é por meio deles, que a geração hipermoderna mantém a comunicação social completamente inserida no ambiente virtual. Sendo assim, contemplar tal gênero demonstra que o docente compreende e se adapta à realidade dos discentes que acabam por dinamizar a linguagem em outros contextos, indo além do papel no caderno.

3.1 GÊNEROS DIGITAIS E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA

Indubitavelmente, é através da língua que conseguimos nos comunicar, nos relacionar e interagir com o outro. Dessa forma, a atividade comunicativa constitui uma prática social mediada pela linguagem. Para tanto, surgem os mais variados gêneros discursivos/textuais,

sendo assim, compreendemos o motivo da existência de uma variedade de gêneros, pois existe uma vasta gama de atividades humanas. Como afirma Bakhtin (1997):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Observamos, portanto, a existência de vasta variedade de gêneros e da sua real contribuição para a atividade comunicativa, que tende a se moldar com o passar do tempo, pois novos meios de comunicação vão surgindo e novas comunidades tendem a emergir. Nesse sentido, o processo da globalização, através do advento da internet, favoreceu o surgimento de novas formas de comunicação, mais rápidas e abrangentes. A respeito disso, Bakhtin (1997) explica que:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Nesse sentido, notamos que, mesmo com o surgimento de novos veículos comunicativos e o surgimento de novos gêneros, estes continuam contribuindo de maneira singular para a atividade humana. Como explica Koch & Elias (2008, p. 107) “[...] todo gênero é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissolúvelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição [...]”. Ou seja, cada gênero terá um sentido e função particular podendo ser um objeto múltiplo, mas que se mantém preso à relação dialógica, que nos possibilita a interação eu-tu.

Com o avanço das inovações tecnológicas, tivemos que nos adaptar às mudanças que surgiram no que se refere à comunicação humana, em que os encontros presenciais deram espaço aos encontros virtuais via redes sociais; um “novo” mundo em que as cartas já não chegam, pois foram substituídas por e-mails. Como se vê, na contemporaneidade, a comunicação se tornou mais dinâmica devido ao advento da internet. Com o surgimento de novos veículos condutores da comunicação, nasceram os gêneros digitais, para atender novas demandas comunicativas.

Para Marcuschi (2010a), os gêneros digitais, que circulam pela internet, são compreendidos como gêneros emergentes, ou seja, esses “novos” gêneros são baseados nos

“velhos” gêneros, porém eles apresentam suas próprias características. O teórico reconhece que “A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente nova” (MARCUSCHI, 2010a, p. 21), sendo assim, os gêneros primários sofreram transformações para atender à realidade virtual, na qual o contato físico deu espaço ao digital. Nessa constância, Marcuschi (2010b) apresenta um quadro para ilustrar e relacionar os gêneros emergentes aos já existentes, como podemos observar abaixo:

Quadro 02: Gêneros textuais emergentes na mídia virtual suas contrapartes em gêneros preexistentes

Nº	Gêneros emergentes	Gêneros já existentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal/bilhete/correio
2	Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos)
3	Chat reservado	Conversações duais (casuais)
4	Chat ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados?)
5	Chat em salas privadas	Conversações (fechadas?)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E-mail</i> educacional (aula por <i>e-mail</i>)	Aulas por correspondência
8	Aula – chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Videoconferência interativa	Reunião de grupo/conferência/debate
10	Lista de discussão	Circulares/séries de circulares?
11	Endereço eletrônico	Endereço postal
12	Blog	Diário pessoal, anotações, agendadas

Fonte: Marcuschi (2010b, p. 37).

Ao observar o quadro acima, percebemos a semelhança que há entre os gêneros emergentes e os já existentes, confirmando que os gêneros se modificam para circular no ambiente virtual. Então, como vivemos um período marcado pelos efeitos da globalização, para atender as necessidades da sociedade atual foi necessário rever as formas e os veículos de comunicação, por esse motivo surgiram os gêneros digitais. O avanço tecnológico favoreceu a emergência de uma linguagem digital, sendo assim, “[...] a internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada” (GALLI, 2010, p. 148).

Porém, algumas pessoas apresentam dificuldades para compreender a linguagem da internet, uma vez que muitas das palavras que circulam no ambiente virtual são oriundas da língua inglesa, fato que dificulta a compreensão da mensagem, por exemplo. Mas, como atualmente fazemos usos constantes da internet, acabamos nos adaptando a esses vocábulos e, conseqüentemente, termos como: “[...] *e-mail, site, web, chat, net, link, backup, hacker, home page, html, on-line, off-line, login, logoff, network, interface, internet* [...]” (GALLI, 2010,

p.163, grifo da autora), se tornaram corriqueiro na interação virtual e nos encaminhamentos da linguagem cotidiana fora das telas.

Com as novas tecnologias cada vez mais presente em nossas vidas, a educação tende a acompanhar essas evoluções. Dessa forma, os documentos norteadores da educação brasileira buscaram maneiras para introduzir práticas educativas mais modernas, considerando que os discentes estão completamente inseridos no “mundo” tecnológico. Nessa conjuntura, Rojo & Barbosa (2015, p. 135) enfatizam: “as demandas sociais devem ser refletidas e refratadas criticamente nos/pelos currículos escolares”.

Observamos, portanto, que a BNCC (2018) apresenta a proposta do hiperletramento, com a intenção de levar para as salas de aulas experiências com gêneros digitais, com os quais os jovens alunos têm contato diariamente. É pertinente contemplar esses “novos” gêneros no processo de ensino/aprendizagem, pois eles nos possibilitam estabelecer a interação entre os docentes e os discentes, pois como sabemos os discentes em idade escolar estão completamente inseridos no “mundo” digital. Porém, é importante destacar que tal proposta não pretende desprestigiar os gêneros que já são consagrados na escola, mas permitir que novas práticas de ensino pertençam ao universo escolar. Como propõe o documento: “[...] a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia” (BRASIL, 2018, p. 70).

A pesquisa desenvolvida por Martins (2016) – *Gêneros digitais no livro didático de língua portuguesa: uma presença possível* – salienta a relevância de trabalhar com os gêneros digitais nas aulas de língua portuguesa, nessa constância sua pesquisa se desenvolveu através de algumas coleções de livros didáticos de LP mais escolhidos pelos docentes, atuantes na escola pública de Campina Grande-PB. Martins (2016, p. 08) justifica que “a investigação acerca da presença dos gêneros digitais nos livros didáticos decorre da preocupação de acrescentá-los ao programa de ensino e aprendizagem de língua portuguesa [...]”. Dito isso, a pesquisa ressalta a importância de dar suportes metodológicos aos docentes, para proporcionar uma atividade pedagógica de qualidade. Por essa razão, a pesquisadora defende a relevância de buscar, junto às secretarias de educação, materiais didáticos que contemplem os gêneros digitais, a fim de proporcionar aos educandos uma reflexão acerca dos aspectos dos gêneros do discurso em diferentes esferas comunicativas.

Na direção dessa ideia, a BNCC pretende inserir novos gêneros que suscitem maior interesse e interação nas aulas de Língua Portuguesa, a fim de oportunizar um ensino/aprendizagem que siga os avanços tecnológicos, de modo que a cultura digital possa

proporcionar benefícios aos educandos. Como se vê, o Ministério da Educação enfatiza a importância de inserir as contribuições digitais no ensino/aprendizagem. Assim, o acesso a novos gêneros permite ampliar a compreensão dos enunciados e tornar as aulas mais lúdicas e participativas. Diante do universo dos “novos” gêneros, elegemos o *meme* do *Bode Gaiato* como objeto produtivo para a discussão.

3.2 O MEME DO “BODE GAIATO”: (RE)ESCREVENDO A LINGUAGEM VIRTUAL

Os *memes* são capazes de transmitir informações sociais e culturais para outras gerações. O termo *meme* surge em 1976, no livro *O gene egoísta* do biólogo Richard Dawkins, que apresenta a teoria darwiniana acerca da evolução das espécies, em que o autor relaciona o *gene* (características herdadas geneticamente) ao *meme* (imitação). Assim como o gene copia heranças genéticas como: a cor do cabelo passada de pai para filho, a cor da pele e dos olhos, o *meme* se refere a imitação cultural presente na sociedade, como por exemplo: um filho decide torcer pelo mesmo time do pai ou seguir a mesma religião da mãe. À luz da teoria de Dawkins (2007), compreendemos o motivo que o levou a relacionar o *gene* humano com ao *meme*, pois:

Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 2007, p. 330).

Sua teoria é baseada na ideia que o *meme* é um *gene* cultural, capaz de transmitir informações para outras pessoas e gerações, sendo culturalmente replicado. Assim, o *meme* é caracterizado como transmissor de características já existentes, haja vista sua terminologia advém do grego: *imitação*, por essa razão, é válido pensar que os “memes são padrões contagiosos de “informação cultural” que são transmitidos de mente a mente e são diretamente responsáveis por moldar e gerar mentalidades e formas significativas de comportamentos e ação em um grupo social” (KONOBEL; LANKSHEAR, 2020, p. 88).

Nessa perspectiva podemos perceber a semelhança do *meme* da teoria darwiniana com os *memes* que surgem e se propagam nos espaços ciberculturais. Visto que, os *memes* da internet são responsáveis por copiar e transmitir informações sociais e culturais, através das plataformas digitais. Como se vê, nos tempos da hipermodernidade, “[...] não basta viver, é preciso contar o que se vive [...]. Somos impelidos a buscar a novidade o tempo todo, a não prescindir dela” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 121). Então, quando pensamos no gênero

digital *meme* é compreendido o seu poder de repercussão pela sociedade hipermodernada, que busca se posicionar no ambiente digital por meio de curtidas e comentários.

Foi através do advento da internet que fez com que as informações fossem rapidamente propagadas, ou seja, “os memes, na contemporaneidade, passam a se propagar na internet e, principalmente, nas redes sociais. Os memes da internet nos alcançam, enquanto sujeitos sóciovirtuais [...]” (SOUZA-SILVA, 2018, p. 38). À luz da afirmação de Souza-Silva (2018), percebemos que é muito comum, ao entrarmos em alguma rede social, nos depararmos com uma grande quantidade de *memes*. Estes são compartilhados diariamente e ganham ainda mais força quando surge algum tema polêmico e/ou contagiante.

Nessa constância, os *memes* conseguem se reproduzir de mente em mente, utilizando da comicidade e da ironia para se potencializar na internet. Outrossim, majoritariamente, os integrantes da comunidade digital são jovens e que fazem uso constante das plataformas virtuais; com isso os documentos oficiais da educação se preocuparam em introduzir os gêneros digitais em práticas educativas, a fim de promover uma aproximação entre as propostas educativas com a realidade discente, além de evidenciar a necessidade de se adequar ao ambiente educacional contemporâneo. Visto que, com o advento da internet, as práticas educativas tendem a seguir as evoluções do mundo globalizado, justificando a introdução dos gêneros digitais em salas de aula.

Destarte, é pertinente o estudo dos *memes* pela ótica da Sociolinguística, de modo, a contemplar a diversidade linguística presente nos gêneros digitais. Para tanto, fixamos nosso estudo no *meme* veiculado pela fanpage do *Bode Gaiato*, um perfil criado, a princípio, na rede social *Facebook*, por um jovem pernambucano, que utiliza da linguagem e cultura nordestina para reproduzir de maneira cômica e/ou irônica temas que se destacam midiaticamente, estilizando os memes com aspectos do falar nordestino.

O *meme* do *Bode Gaiato* partiu de uma brincadeira que ganhou fama e repercussão, algo que seu criador, Breno Melo, não esperava, pois, tal criação é fruto de uma curiosidade em explorar os recursos tecnológicos. Assim, surge a figura de um bode em um corpo humano, apresentado junto a textos engraçados e uma linguagem típica nordestina, representando questões socioculturais do povo nordestino. Em consequência, o resultado de uma brincadeira de férias, foi ligeiramente aceita e repercutida nas redes sociais. Como conta Breno Melo, autor do *Bode Gaiato*, em uma entrevista ao Portal G1:

Estava de férias em casa, sem fazer nada, no tédio. Aí quis criar algo com um personagem nordestino, para ser diferente da temática e nas piadas de outros memes [expressões, piadas, frases e termos difundidos na internet]. Pensei logo num bode, até porque tudo fica engraçado quando é retratado por um animal, e adicionei um

adjetivo bem regional, o gaiato, que é uma pessoa engraçada, brincalhona (PORTAL G1, 2013).

O estudo realizado por Paiva (2018) – “*Bode Gaiato*”: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático – se deu a partir de uma proposta de intervenção numa escola pública de Campina Grande – PB estabelecendo uma relação reflexiva sobre os usos da língua escrita/falada, a qual destaca o fenômeno da Variação Linguística presentes nesse gênero digital. Nessa constância, a autora escolheu para o *corpus* de suas análises *memes do Bode Gaiato*, considerando sua vasta propagação em redes de comunicação social, a qual se desenvolve a comunicação virtualizada.

A autora também caracteriza os *memes do Bode Gaiato* a partir das proposições de Bakhtin (1997) a respeito dos elementos que compõem cada gênero discursivo/textual. Diante disso, Paiva (2018, p. 59) expõe, acerca da estrutura composicional do gênero *meme do Bode Gaiato*, em que se faz a mescla entre imagens e textos escritos e possui uma linguagem híbrida. Além de seu conteúdo temático ter um segmento polêmico e relevantes para descrever a sociedade, neste sentido, a autora caracteriza o estilo dos textos do *Bode Gaiato* que são marcados pela presença da comicidade, crítica e satírica.

Além dos aspectos caracterizados do gênero *meme do Bode Gaiato*, Paiva (2018) salienta que, o gênero *meme* está relacionado as concepções dialógicas de Bakhtin (1997), a qual corroboram compreensão de que toda comunicação oral/escrita possui intenções, que surgem de uma ideia, ou até mesmo de um já dito, mas, cabe a nós as identificarmos ou não. As motivações de Paiva (2018) para a escolha dos *memes do Bode Gaiato* para compor seus estudos, visaram a galgar um ensino ressignificado acerca das práticas pedagógicas voltadas ao ensino/aprendizagem da Variação Linguística.

Posto isso, nos *memes do Bode Gaiato*, encontramos traços da oralidade nordestina, que podem não ser tão bem compreendidos por falantes de outras regiões brasileiras, bem como a presença de aspectos típicos da cultura da região Nordeste. Um outro fato bastante pertinente nesse *meme* é que o dialogo acontece geralmente no seio familiar, local que costumamos utilizar nossas variedades linguísticas sem estarmos sendo monitorados. Portanto, afirmamos que trabalhar com o gênero digital *meme*, especialmente os do *Bode Gaiato*, é de grande valia para contemplar estudos da variação linguística, promovendo reconhecimento cultural e empoderamento linguístico num movimento transcultural.

Nessa direção, podemos destacar o relato de experiência de Souza-Silva & Lopes (2020, p. 447) quando afirmam: “podemos refletir sobre adequação linguística, respeito à diversidade cultural, compreensão das críticas diante dos mais variados textos, bem como a

promoção do respeito a toda e qualquer variedade linguística [...]”. Desse modo, os autores afirmam a importância de promover a leitura e reflexão de variados gêneros discursivos/textuais e os digitais nas aulas de língua portuguesa, a fim de proporcionar um ensino de língua que atenda as demandas da hipermodernidade.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo descrevemos o percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento da nossa pesquisa, expondo os elementos norteadores do trabalho. Assim como também apontamos a classificação da pesquisa, o perfil dos participantes e o ambiente onde ocorreu dada pesquisa.

Dessa forma, a pesquisa segue uma abordagem interpretativa que, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 42), “[...] não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações.”, logo, a pesquisa qualitativa de natureza interpretativa corresponde a observar a relevância dada, aqui, aos estudos da Sociolinguística, a qual compreende a língua enquanto objeto social variável e, por essa razão, compete aos docentes, se tornarem eternos pesquisadores, para que assim possam (re)pensar, (re)significar suas condutas pedagógicas. À vista disso, Bortoni-Ricardo (2008) aponta o seguinte:

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre sua própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46)

Para tanto, a natureza da pesquisa é qualitativa, uma vez que “[...] o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato, ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada [...] (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.188). Nessa direção, a pesquisa qualitativa objetiva observar, descrever e analisar práticas educativas de professores-pesquisadores da educação básica, a partir de uma coleta de dados que ocorreu com auxílio de recursos digitais. Ademais, Gil (2008, p. 177) afirma que as plataformas digitais são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, porém “[...] são apenas programas de apoio, pois apenas gerenciam o processamento de dados”. Na análise qualitativa o elemento humano continua sendo fundamental, sendo assim, compreendemos que, para a coleta de dados, é preciso que haja interação do pesquisador frente aos dados coletados, para obter êxito nas análises.

Sobre a construção do *corpus* de investigação desta pesquisa, convém salientar que os dados analisados foram coletados nas duas primeiras semanas de janeiro do ano de 2022, por

meio de recurso digital devido a pandemia da Covid-19³, para que a pesquisa ocorresse com maior segurança para todos os envolvidos. A coleta dos dados foi feita a partir da plataforma *Google Forms* (cf. Apêndice A), pelo envio de link para os docentes por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*. Abaixo, é possível a observação de um quadro que expõem as indagações presentes no questionário de modo geral:

Quadro 03: Perguntas do questionário

01 -	Você trabalha a Variação Linguística em suas aulas de Língua Portuguesa como um conteúdo curricular ou como um tema anual presente nas aulas de gramática?
02 -	Você percebe fenômeno da Variação Linguística em suas salas de aulas? Se sim, como isso ocorre?
03 -	Durante sua experiência docente, alguma vez já presenciou algum episódio de preconceito linguístico? Relate.
04 -	A respeito dos gêneros textuais, como você enxerga a relevância desses objetos em sala de aula de língua portuguesa?
05 -	E, sobre o trabalho com os gêneros digitais, você consegue dar espaço para o trabalho com os gêneros dessa natureza? Seja sua resposta “sim” ou “não”, justifique.
06 -	Você já trabalhou com os memes do Bode Gaito em suas aulas?
07 -	Caso fosse levar para a sala de aula esse meme do Bode Gaiato para uma análise, quais aspectos sociais e linguísticos você poderia focalizar junto aos discentes?

Fonte: Elaborado pela autora

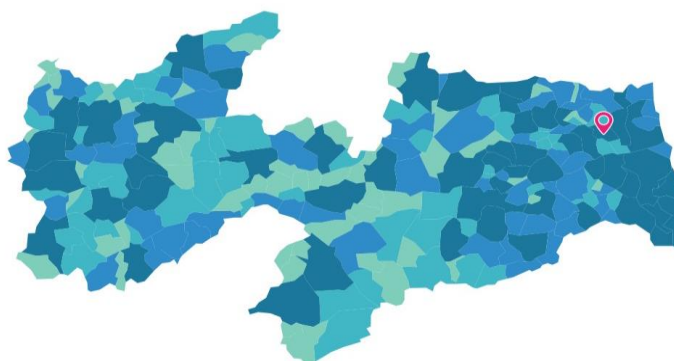
No tocante aos sujeitos envolvidos na pesquisa, estes são docentes de Língua Portuguesa que atuam na rede básica de ensino da cidade de Itapororoca-PB, da rede de ensino pública e privada. A escolha por tal município ocorreu pelo fato de ser residência da pesquisadora, que estudou boa parte do ensino básico na referida cidade.

Conforme informações presentes no portal oficial da prefeitura do município Itapororoca, conhecido antigamente como Vila São João de Mamanguape, foi por muitos anos rota e descanso para os tropeiros que se deslocavam do interior a capital, sendo eles os primeiros grupos de habitantes da cidade. O nome Itapororoca foi dado após sua emancipação da cidade circunvizinha Mamanguape, a qual, serviu como sede para o distrito por muitos anos. O local é conhecido pela sua riqueza botânica, por possuir árvores frondosas, que cercam a nascente do rio que abastece toda a cidade; por essa razão o nome Itapororoca, que

² A pandemia do novo Coronavírus (SARS – CoV-2) que causa a Covid -19, foi identificado a princípio na cidade de Wuhan, na China, e se alastrou pelo mundo. A contaminação pela Covid – 19, dar-se pelo contato com a pessoa infectada e que dissemina o vírus no ar por meio de gotículas soltas pela tosse e espirros, de maneira a contaminar superfícies que podem ser tocadas. Com isso, os órgãos mundiais da saúde recomendam manter distanciamento social e que façamos o uso de máscaras.

deriva do tupi – guarani e quer dizer “Ita= pedra e Pororoca = encontro das águas”⁴. Vejamos a localização do município no mapa abaixo:

Figura 01: Localização do município de Itapororoca - PB



Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/itapororoca/panorama>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

Itapororoca, está localizada na Mesorregião da Mata paraibana, há aproximadamente 69 km da capital João Pessoa, tendo uma população estimada pelo último censo em 2010 de 16.997 habitantes, segundo o *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE)⁵. A cidade se destaca entre uma das maiores cidades paraibana produtoras de abacaxi e da cana de açúcar, além disso, ganhou destaque por ser uma das poucas cidades brasileiras onde não se paga pelo abastecimento de água.

4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa realizada contou com a participação de 7 (sete) docentes da rede pública e privada do município de Itapororoca – PB, sendo 6 (seis) professoras e 1 (um) professor. Entre os participantes, encontramos uma maior participação com 57,1% de docentes atuantes em instituições de ensino público e um menor percentual de docentes que atuam simultaneamente em instituições públicas e privadas 42,9%. No decorrer da coleta de dados, esclarecemos aos nossos participantes que seus dados pessoais e sua identidade seriam resguardados, para que assim pudessem se sentir mais à vontade para responder as perguntas. Dessa forma, a participação ocorreu por livre e espontânea vontade, a qual toda comunicação ocorreu por meio das redes sociais *WhatsApp* e *Instagram* com a disponibilização de um link para aqueles que aceitaram contribuir com a pesquisa, a partir do preenchimento do *Termo de*

³ Informações obtidas do site: <<https://www.itapororoca.pb.gov.br/portal/a-cidade/historia>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

⁴ Informações obtidas do site: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/itapororoca/panorama>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (cf. Apêndice A). Nessa constância, nossa pesquisa se tornou executável a partir das contribuições que a internet trouxe para a sociedade.

De início, identificamos uma participação maior de pós-graduados (*latu e stricto sensu*), maioria com idade entre 25 e 31 anos, também sendo a maioria atuante há mais de dez anos e escolas tanto de rede pública quanto de rede privada. Abaixo, é possível a observação de um quadro que traça o perfil dos nossos participantes de modo geral:

Quadro 04: Caracterização dos informantes

<i>Caracterização</i>	<i>Dados coletados</i>	<i>Quantidade</i>	<i>%</i>
<i>Formação Acadêmica</i>	Graduação	3	42,9%
	Especialização	2	28,6%
	Mestrado	2	28,6%
<i>Idade</i>	18-24	1	14,3%
	25-31	4	57,1%
	39-45	2	28,6%
<i>Tempo de docência</i>	Há menos de 10 anos	3	42,9%
	Há mais de 10 anos	4	57,1%
<i>Rede de ensino</i>	Pública	4	57,1%
	Pública e privada	3	42,9%

Fonte: Elaborada pela autora

Expomos isso por algumas informações serem necessárias para uma leitura mais apurada dos dados, uma vez que podemos identificar a formação acadêmica, idade, tempo de atividade docente e *locus* de ação docente, porém, em nossa análise não nos intenciona fazer uma análise estratificada a partir de cada condicionador social e/ou pedagógico. Dito isso, consideramos de suma importância destinar 5 (cinco) questões do questionário para a caracterização dos informantes e 7 (sete) questões para que possamos refletir acerca do trato dado à variação linguística mediada e gêneros emergentes no âmbito educacional, totalizando 12 (doze) questões significativas para análise e reflexão da prática de docentes Língua Portuguesa no município de Itapororoca-PB. Portanto, a partir dessas exposições, partimos para as análises.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: COM A PALAVRA, OS DOCENTES

A seguir, apresentamos as análises realizadas acerca da problemática lançada em nosso estudo, a partir dos dados obtidos com o questionário (cf. Apêndice A), o qual foi destinado aos docentes de língua portuguesa atuantes na educação básica na cidade de Itapororoca – PB. Este capítulo está dividido em três seções para uma melhor compreensão, sendo assim: a primeira está voltada para as questões relacionadas a abordagem da variação linguística em sala de aula; a segunda nos compete analisar sobre a utilização dos gêneros textuais e digitais nas aulas de língua portuguesa e, a terceira e última seção, está direcionada para a identificação da composição do *meme* do *Bode Gaiato*.

5.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LP

Nesta seção, iremos refletir acerca de três questões que destinamos para compreensão sobre o trato da variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Assim, para identificação dos dizeres dos professores (representados por “P”, seguindo uma ordem numérica aleatória com as transcrições dos dados originais), participantes da pesquisa, a fim de sondar sobre a importância da variação linguística na formação de seus discentes. Assim questionamos o seguinte: *você percebe fenômenos de Variação Linguísticas em suas salas de aulas? Se sim, como isso ocorre?*

Tabela 01: O que dizem os professores?

P. 01 - Sim, pois tenho discentes de regiões diferentes do país, de idades distintas e também há os fatores sociais e econômicos que fazem com que haja uma variação notável no momento em que os alunos usam a língua, seja na fala ou na escrita.

P. 02 - Sim. Acontece de variadas formas, em diferentes situações. Escolhas de vocabulário diferente para se dirigir aos colegas ou a mim, à diretora ou coordenador escolar, diferenças na oralidade e na escrita, sendo a segunda mais estruturada e organizada de acordo com a língua padrão, entre outros aspectos.

P. 03 - Claro. Cada grupo de estudantes possuem características distintas em seus falares, haja vista que a escola na qual atuo, recebe estudantes de todo vale do Mamanguape oriundos de aldeias indígenas, zona rural e zona urbana, assim como estudantes transferidos de outros estados. Percebe-se o uso informal da língua, assim como as variações: sociocultural e regional.

P. 04 - Sim. É muito importante salientar que a língua portuguesa dispõe de diversas possibilidades linguísticas, precisamente no Brasil, onde a linguagem varia de região para região. Na sala de aula, não é diferente. Se observarmos bem, sempre haverá fenômenos da variação linguística na interação. Em minha experiência, pude perceber situações muito diretas, quando por exemplo, recebemos uma aluna que morava no Rio de Janeiro e passara a residir em Itapororoca.

P. 05 - Ocorre nas trocas de opiniões.

P. 06 - A variação linguística é um fenômeno bastante presente, pois, dentro das minhas

salas, tenho alunos das mais diversas idades, classes sociais e regiões (especialmente do Sul). É possível perceber a variedade linguística por meio das gírias usadas pelos alunos, através da diferença socioeconômica, que influi no léxico do aluno, e o vocabulário deles, etc.

P. 07 - Sim, os alunos trazem consigo uma grande variedade linguística.

Fonte: a autora

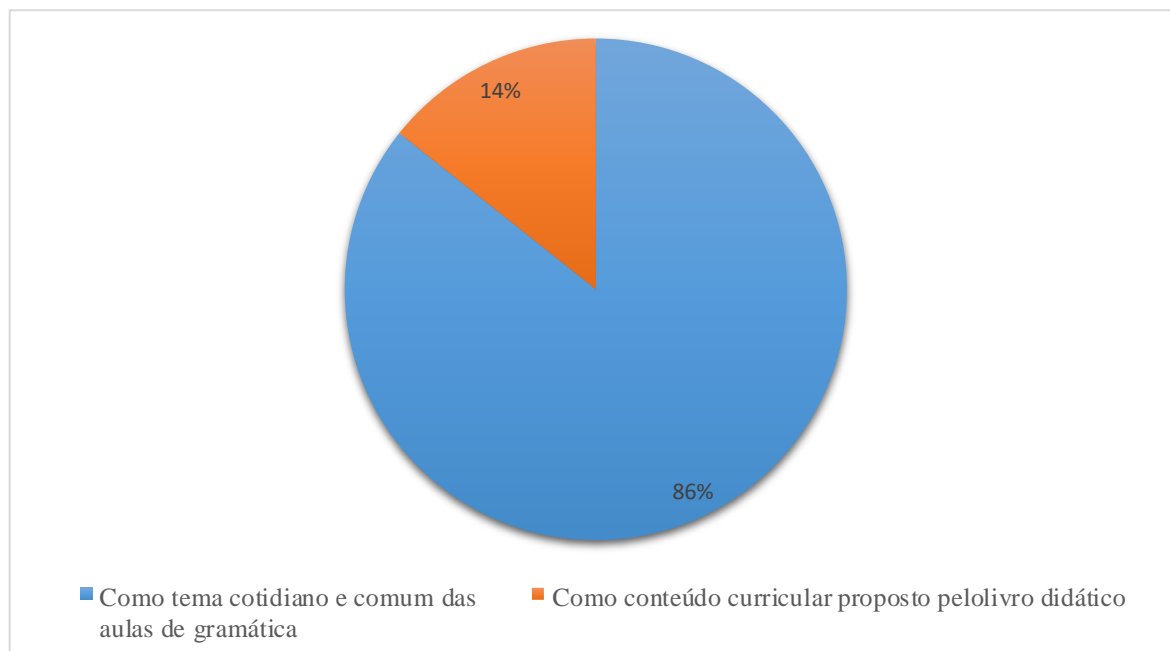
Ao observarmos as respostas em sua totalidade, notamos nos dizeres dos docentes participantes que o fenômeno da variação linguística se faz presente nas aulas de língua portuguesa, seja por fatores regionais, socioeconômico, materializando gírias, bem como distintos monitoramentos linguísticos.

De modo mais específico, os professores (01), (03), (04) e (06) em seus posicionamentos são favoráveis que o fenômeno da variação linguística não ocorre por acaso e, sim como um fenômeno cultural motivado por fatores extralinguísticos (CEZARIO; VOTRE, 2018), ligados a diferenças geográficas que proporcionam a ocorrência da variedade linguística, visto que a escola é um ambiente onde se encontra estudantes oriundos de muitas localidades, que vieram de outros estados brasileiros e da zona rural, cada um trazendo consigo sua identidade linguística.

Também podemos identificar, no enunciado do docente (02), que o fenômeno da variação apresenta ocorrências também através do monitoramento linguístico, em que os discentes planejam suas falas a depender da situação comunicativa, dessa forma, eles apresentam uma oralidade mais monitorada, planejada para se dirigir com mais formalidade. Segundo Bagno (2007a, p. 45), “o monitoramento opera não só na língua falada, mas também na língua escrita”. Da mesma forma que nos planejamos para falar formalmente com alguma pessoa, isso ocorre quando vamos enviar um e-mail ou até mesmo uma mensagem via rede social, a qual acreditamos demandar maior formalidade.

A partir da leitura das respostas dos docentes em análise, notamos que todos evidenciam a presença da variedade linguística durante as aulas de língua portuguesa, de modo a compreender que tal fenômeno ocorre seja por fatores linguísticos e com mais incidência por força dos fatores extralinguísticos.

Dando prosseguimento às questões que norteiam a pesquisa, apresentamos uma questão em que os participantes deveriam assinalar a alternativa que representa a sua resposta, sendo assim, questionamos os docentes da seguinte forma: *Você trabalha a Variação Linguística em suas aulas de Língua Portuguesa como um conteúdo curricular ou como um tema anual presente nas aulas de gramática?*

Gráfico 01: O trabalho da variação linguística nas aulas de LP

Fonte: a autora

No gráfico 01, é possível observar o quantitativo referente à resposta dos docentes sobre a abordagem da variação linguística nas aulas de língua portuguesa, enquanto tema comum nas aulas de gramática e como proposta curricular do livro didático. Vejamos, como se sucederam as respostas: a maioria (86%) afirma que trabalha a variação linguística como tema cotidiano e comum das aulas de gramática, enquanto 14% dos participantes respondem que costumam trabalhar o fenômeno da variação linguística como conteúdo proposto pelo livro didático. O mais importante ao trabalhar a variação linguística em aulas de língua portuguesa é estimular a compreensão dos alunos para que eles alcancem consciência sobre a diversidade linguística, cultivando o respeito ao outro e o refinamento da competência de linguística a fim de monitorar a língua em diferentes contextos de uso oral e/ou escrito.

É de suma importância que os docentes, ao informarem que trabalham a Variação Linguística em suas aulas, desprezem aquelas práticas tradicionais, em que esperamos que os colaboradores dessa pesquisa não trabalhem com textos para realizar “correções”, de forma que os alunos necessitem transcrever de maneira “correta”, seguindo os paradigmas da norma padrão. Pois, atualmente, não há mais espaço para essas práticas que estimulem a concepção de “certo” ou “errado” na língua. É válido, ao trabalhar a variação linguística, valorizar a variedade linguística, mostrando as diferentes formas de se referir a uma mesma coisa, considerando a identidade de cada cidadão, mesmo sabendo que os docentes em sua maioria seguem o cronograma programado nos livros didáticos e que, por vezes, abordem “[...] este

conteúdo, ainda, de forma equivocada ou insuficiente” (PAIVA, 2018, p. 18), consequentemente dificultando o trabalho com a variação linguística.

Sendo assim, é importante pensarmos em uma outra pesquisa realizada com docentes do município de Itapororoca-PB, em 2015, para que assim posamos balancear o tratamento dado à variação linguística no contexto do livro didático:

Sobre a questão do trabalho com a variação linguística, os professores destacaram as dificuldades de levar outros “olhares” sobre as variações, uma vez que, os materiais pedagógicos, principalmente os livros didáticos (principal ferramenta didática), não trazem tantos textos e propostas de atividades sobre esse tema, o que dificulta a elaboração de aulas sobre isso (ANDRADE, 2015, p. 27).

Como se vê, Andrade (2015) afirma em seu estudo sobre a dificuldade que professores da educação básica de Itapororoca, que participaram de sua pesquisa, encontraram ao buscar trabalhar a variação linguística, visto que, o livro didático – principal ferramenta pedagógica – não apresenta destaque para essa temática, tornando difícil pensar em aulas que destaque o fenômeno da variação. Não obstante, ao questionarmos outros professores dessa mesma cidade sobre o trabalho com a variação linguística, 14% afirmaram trabalhar tal fenômeno a partir dos conteúdos propostos pelo livro didático, levando-nos a refletir na possibilidade de caso o tema não seja contemplado nos livros, possivelmente, não será trabalhado.

Entretanto, sobre o livro didático é importante destacar que “[...] nunca será perfeito e atenderá a todas as demandas do professor, mas é possível adaptá-lo a nossa realidade, buscando assim, um ensino mais assertivo e acessível aos educandos” (SILVA, 2021, p. 73). Partindo dessa constatação, compreendemos que o professor deve contemplar, em suas aulas, atividades voltadas a compreensão sobre o fenômeno da Variação Linguística, mesmo que não seja proposto pelo livro didático, haja vista que alguns exemplares já os contemplem, tornando imprescindível que as secretarias de educação os viabilizem.

Em continuidade aos dizeres docentes acerca do ensino de língua portuguesa no referido município, destacamos para este estudo os relatos sobre uma temática de suma importância: preconceito linguístico. Afinal, há a necessidade de os professores, em especial os de línguas, estimularem o conhecimento reflexivo acerca desse e de qualquer outro tipo de preconceito, mapeando marcas linguísticas que favoreçam a compreensão da linguagem.

Sendo assim, a seguir traremos a transcrição dos dizeres docentes participantes da pesquisa, a fim de compreender sobre a seguinte questão: *Durante sua experiência docente, alguma vez já presenciou algum episódio de preconceito linguístico? Relate.*

Tabela 02: Relato de experiência docente

P. 01 - Sim, um aluno estava sendo marginalizado por um grupo de colegas por causa das gírias que usava. A partir desse episódio fizemos uma atividade de adequação linguística, na qual grupos de discentes foram levados a interagir em situações discursivas diferentes, desde uma situação em que simularam procurar emprego até uma situação menos monitorada de sua norma, situação esta em que se encontraram interagindo com colegas de classe. Foi uma atividade bastante proveitosa.

P. 02 - Já. Presenciei um grupo de alunos disseminarem falas preconceituosas contra um aluno da zona rural por reproduzir falas, expressões que são típicas do meio em que ele vive. Nunca deixo passar a oportunidade de trazer o assunto e gerar uma conversa. A situação problema gerou um diálogo muito interessante.

P. 03 - Na sala de aula nunca presenciei e sempre sou muito taxativa com relação ao preconceito linguístico, haja vista que já sofri muito, quando fui visitar outras regiões do país. A sociolinguística abre nossos olhos com relação a esse tipo de preconceito e que deve ser debatido em sala de aula.

P. 04 - Sim. Sempre existe na sala de aula, algum aluno ou até mesmo o próprio professor, que publicamente quer “corrigir” uma pessoa, uma grande ignorância e falta de preparação. Quando fui estagiário, tive a oportunidade de presenciar alguns episódios de preconceito linguístico, partindo da própria professora, que corrigia publicamente os seus alunos, enfatizando que a maneira como falavam era errada.

P. 05 - Sim. Alguns alunos ignoram a fala de seus colegas.

P. 06 - Sim! É bastante comum observar algum tipo de preconceito linguístico relacionado ao modo de falar de algum aluno. Alguns alunos, por exemplo, ficavam rindo ou fazendo alguma piada a respeito de uma aluna Paulista, sobre o modo como ela falava, o sotaque. Como a maioria eram paraibanos, estranhavam o modo como ela falava.

P. 07 - Sim, infelizmente, algumas pessoas intendem que só a linguagem padrão é tida como certa.

Fonte: a autora

Ao questionarmos os professores sobre a ocorrência do preconceito linguístico no decorrer de suas aulas, os docentes (01), (02), (04), (05), (06) e (07) afirmam que já presenciaram atos preconceituosos na fala dos discentes com seus colegas, bem como na atitude do professor que “corrige” o aluno na tentativa de padronizar a atividade de oralidade. Como se vê, o preconceito linguístico ainda está enraizado em nossa sociedade e por essa razão nossos participantes afirmam a importância de se proporcionar momentos para que os alunos compreendam que ao se tratar de uma sociedade plural e heterogênea, a língua tende a variar e que conseqüentemente não existe o falar “certo” ou “errado”. À luz desse pensamento, Paiva (2018, p. 19) afirma:

Estamos certos de que trabalhar textos significativos para os alunos é uma forma de desmistificar o erro no uso da língua, reavaliar o preconceito linguístico e colocar em xeque esta ideia de existência de uma linguagem de prestígio. Acreditamos, pois, que se há, de fato um uso linguístico de superioridade, temos de pensar, então, na existência da exclusão social que emerge entre os falantes que não fazem uso dessa

linguagem de “destaque”. Entendemos, portanto, que é papel da escola dotar o aluno de informações suficientes para que ele possa não apenas compreender, mas também utilizar esta linguagem em diversas situações em que determinadas variáveis sejam necessárias. Assim, o estudo da Variação Linguística justifica-se para a valorização do falar de uma determinada comunidade e o respeito ao falar do outro.

Então, quando o professor “corrige” a fala do aluno, como mencionado pelo docente (04), é pelo fato que muitos profissionais da educação insistem na ideia de que devemos falar da mesma forma que escrevemos, ou seja, seguindo a norma padrão da língua como a única forma “correta” de se falar português (BAGNO, 2007b), desconsiderando a presença da variedade linguística. Já em relação (03), temos a única docente que afirmou que nunca presenciou em suas aulas atitudes tidas como preconceito linguístico, mas enfatiza sobre os estudos da sociolinguística que contribuem para combater esse preconceito.

Também identificamos como a questão do contato cultural acarreta em atitudes linguísticas negativas, como demonstram os enunciados do docente (06) quando menciona um episódio de preconceito linguístico com uma aluna paulista, em sala de aula que era composta, majoritariamente, por discentes nordestinos. Nessa constância, Leite (2011, p. 21) enfatiza: “qualquer comparação entre os dialetos ou variações regionais e sociais que pretenda atribuir valor positivo ou negativo às diferenças verificadas é cientificamente errônea”.

Diante disso, também é oportuno destacarmos o que os docentes da pesquisa de Souza-Silva (2020) indicaram ao serem questionados sobre o seguinte: **para você, qual a relevância de se ter conhecimento sobre a diversidade linguística no contexto escolar e social?** Logo, a partir da indagação desse pesquisador, os docentes colaboradores afirmaram a necessidade de se contemplar a diversidade linguística em salas de aula, para que assim possam proporcionar respeito com o outro, de modo a combater o preconceito linguístico no ambiente escolar e social.

Segundo Bagno (2007a), é preciso que haja uma reeducação sociolinguística dos discentes, para que compreendam que não é preciso corrigir o modo de falar de seus semelhantes, bem como os educadores devam passar também por essa reeducação, a fim de que repensem sobre suas práticas docentes, para que assim todos compreendam que: “[...] a diferença é a parte mais significativa daquilo que nos faz iguais” (ANTUNES, 2007, p. 109), por essa razão é muito importante frisar o respeito por nossos semelhantes.

5.2 UTILIZAÇÃO DE GÊNEROS DIGITAIS NAS AULAS DE LP

Em continuidade as nossas análises, iremos refletir acerca de duas questões para a qual destinamos a materialização dos pensamentos dos professores acerca da implementação dos

gêneros textuais e digitais nas aulas de língua portuguesa. Então, questionamos o seguinte: *a respeito dos gêneros textuais, como você enxerga a relevância desses objetos em sala de aula de língua portuguesa?*

Tabela 03: O que dizem os professores sobre os gêneros textuais?

P. 01 - Os gêneros textuais são de extrema importância porque são a materialização das diversas situações de comunicação nas quais estamos inseridos diariamente. Não é à toa que são infinitos, já que a língua e seus usuários são mutáveis.
P. 02 - Julgo a abordagem de diferentes gêneros textuais essencial para ampliar o conhecimento e interpretação dos discentes. Vejo neles a oportunidade de trazer diferentes conteúdos, incentivar os alunos a uma reflexão crítica e ampla.
P. 03 - São extremamente importantes, pois possibilitam ao estudante a terem contato com as diferentes formas de falar a mesma coisa, de terem contato com vocábulos que não estão mais em uso, de situações em que pode ser observado o uso da língua formal e informal. Há um leque de possibilidades a ser trabalhado a variação linguística, exemplo disso são os gêneros digitais.
P. 04 - Os gêneros textuais são fundamentais para o desenvolvimento da capacidade crítica e textual do aluno. Com sua variedade quase infinita, os discentes poderão sempre exercitar e expor a sua forma de pensar e até mesmo destacar a variedade linguística presente em sua região, seu estado, seu país.
P. 05 - Muito bom.
P. 06 - Os gêneros são muito importantes para o ensino de língua portuguesa, visto que, nós nos comunicamos o tempo todo através de gêneros textuais. Nesse sentido, trabalhá-los em sala de aula é extremamente relevante. Nossos estudantes necessitam conhecer e dominar alguns gêneros para poderem interagir. Sendo assim, a escola tem o dever de propiciar aos alunos o contato e o desenvolvimento de habilidades relacionadas aos diversos gêneros discursivos.
P. 07 - Muito importante para o entendimento da língua.

Fonte: a autora

A partir da leitura das respostas acima, observamos o posicionamento favorável para a abordagem dos gêneros nas aulas de língua portuguesa, dessa forma podemos afirmar que, em sua totalidade, as respostas obtidas compreendem a importância desses objetos para que os discentes possam agir pela linguagem, de modo, a posicionarem-se criticamente a partir de sua utilização, bem como para o estudo da língua em uso.

Para tal, destacamos as respostas dos professores (01), (02), (03), (04) e (06) que se destacam por esclarecer que o uso dos diferentes gêneros textuais proporciona aos alunos um crescimento crítico e reflexivo a partir da leitura e compressão dos textos, em que eles possam constatar a existência da variedade linguística e estabelecer comunicação. Dessa forma, é notória a importância dos gêneros textuais para que possamos, por meio deles, nos impor no mundo de maneira consciente, assim como, sua funcionalidade de expor sobre o mundo (MARCUSCHI, 2010a).

A resposta de (05) nos possibilita refletir sobre o processo de maturação natural do docente recém-formado, que está passando pelo processo de reflexão sobre as teorias pedagógicas adquiridas durante todo o percurso universitário, que muitas das vezes são confrontadas na tentativa de praticá-las, assim, compreendemos o posicionamento do professor participante que possui menos de 10 (anos) de atividade docente e que detém apenas nível de graduação. Posto isso, reafirmamos a necessidade de uma formação continuada.

Daremos destaque aos dizeres docente (06) e (07), que enfatiza a suma importância de trabalhar os gêneros textuais como uma forma de proporcionar aos discentes uma gama de conhecimentos acerca da usualidade da língua, em que podem observar exemplos do fenômeno da variação linguística. Outrossim, os professores em destaque (06) e (07) citam a relevância da utilização dos gêneros digitais nas aulas de língua portuguesa, para que os alunos possam realizar leituras e fazer observações sobre sua temática da mesma forma que se realizam nos gêneros do texto. Concebemos as respostas desses profissionais ancorado nos dizeres da BNCC que destaca sobre a relevância de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica e reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 09)

Assim como é estabelecido nos documentos oficiais que norteiam a educação brasileira, percebemos que alguns docentes têm conhecimento acerca da relevância da implementação dos gêneros digitais no ensino de língua portuguesa e fazem uso dos mesmos durante suas práticas educativas. Desse modo, faz-se necessário pesquisas de cunho observacional não-participante, a fim de identificar se os professores promovem aquilo que revelam conhecer e que dizem considerar importante e significativo.

Para dar continuidade a nossa análise, seguimos a mesma estrutura para que possamos observar as respostas dos docentes. Sendo assim, questionamos nossos colaboradores da seguinte forma: *E, sobre o trabalho com gêneros digitais, você consegue dar espaço para o trabalho com os gêneros dessa natureza? Seja sua resposta "sim" ou "não", justifique.*

Tabela 04: O trabalho com os gêneros digitais

P. 01 - Sim, mas não o quanto gostaria, principalmente para potencializar as habilidades de leitura.

P. 02 - Menos do que eu gostaria, mas tento incluir à medida que posso, tenho conseguido ampliar isso, felizmente. A necessidade de seguir conteúdos e exigências nos

restringe.

P. 03 - Sim, até citei isso na questão anterior. Estamos vivenciando o mundo digital de forma muito expressiva, a escola precisou ser reinventada e nós que estamos a frente desse processo, necessitamos de constantes formações continuadas, de aperfeiçoamentos para estarmos cada vez mais próximos dos nossos estudantes. Os gêneros digitais, eu já explorava antes da pandemia e continuo.

P. 04 - Sim. O mundo segue de maneira muito acelerada com os recursos tecnológicos e a educação também deve caminhar simultaneamente com esses meios inovadores. Os gêneros digitais são fundamentais para a expansão dos conhecimentos, principalmente por serem desenvolvidos em ambientes digitais tão utilizados por nossos adolescentes. A BNCC prioriza bastante esse tipo de gênero, e inclusive apresenta uma vasta quantidade de gêneros que foram surgindo através do avanço tecnológico, e atendendo à essas colocações, o PNLD determina aos autores de livro didático, que apresentem esses recursos em suas obras. Na escolha do livro didático, sempre avaliamos essas atividades, e na sala de aula, busco sempre desenvolvê-las, mesmo com os poucos recursos disponibilizados.

P. 05 - Sim. Pois hoje em dia se trabalha mais com tudo de forma digital.

P. 06 - Sim, especialmente nesse contexto de pandemia em que tivemos que manusear, de maneira mais efetiva, as ferramentas digitais. Aulas com vídeos, links, memes, entre outros gêneros da esfera digital, ganharam espaço nas minhas aulas.

P. 07 - Sim, pois o celular é um objeto muito presente em sala de aula, e assim podemos tê-lo com um aliado para o aprendizado.

Fonte: a autora

Os docentes (01) e (02) responderam que trabalham com os gênero digitais menos do que gostariam, haja vista a necessidade de cumprir com o cronograma educativo proposto pela escola, mesmo sabendo que os documentos oficiais que norteiam a educação brasileira afirmam a relevância de incluir os gêneros digitais em práticas educativas. A fim de proporcionar aos discentes habilidades de leituras e compreensão de diferentes gêneros discursivos/textuais, principalmente os digitais que circulam nas redes sociais, local que os estudantes podem se posicionar de maneira crítica e reflexiva.

Sendo assim, quando os docentes inserem os gêneros digitais que utilizam recursos linguísticos e estéticos, estão compreendendo a realidade do mundo globalizado, na qual praticamente vivemos em função das ferramentas sociais e, por essa razão, a educação deve acompanhar esse avanço tecnológico, pois, assim, estará considerando as diferentes esferas de atividade humana. Nessa constância, a BNCC sugere que as habilidades educativas visem:

Analisar as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, blogs/microblog, sites e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, post em rede social, gif, meme, fanfic, vlogs variados, political remix, charge digital, paródias de diferentes tipos, vídeos-minuto, e-zine, fanzine, fanvídeo, vidding, gameplay, walkthrough, detonado, machinima, trailer honesto, playlists comentadas de diferentes tipos etc., de forma a ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista

ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital (BRASIL, 2018, p.73)

À luz dessas orientações, os docentes (03), (04), (05), (06) e (07) respondem que fazem uso dos gêneros digitais compreendendo os efeitos do mundo globalizado, ou seja, incluem em suas ações docentes atividades que contemplem os gêneros digitais, visando a implementar nas aulas de língua portuguesa algo referente à realidade dos jovens que estão completamente inseridos nesse contexto virtual. Assim, promovendo trabalhos com textos significativos, proporcionando uma discussão eficiente sobre diversas temáticas, apresentando aos alunos que as ferramentas tecnológicas como computador, celular, tablet e outros equipamentos podem contribuir com a sua formação educacional.

Assim como os tão famosos *memes* que circulam intensamente nas redes sociais, tratando de temas relevantes do nosso cotidiano, fazendo uso da comicidade e da ironia, a exemplo do *meme* do *Bode Gaiato*, ao qual trataremos a seguir, diante das respostas dos professores de língua portuguesa.

5.3 O QUE DIZEM OS DOCENTES DE LP SOBRE O MEME DO “BODE GAIATO”

Neste instante, iremos refletir acerca de duas questões que destinamos para compreensão sobre as respostas dos professores de língua portuguesa sobre seus pensamentos acerca do trabalho com os *memes* do *Bode Gaiato* em salas de aulas. A primeira questão é de cunho objetivo, na qual sugerimos aos docentes que assinalassem suas respostas entre “sim” ou “não”. Então, questionamos aos docentes colaboradores da seguinte forma: *você já trabalhou com memes do Bode Gaiato em suas aulas?*

Gráfico 02: O trabalho com os memes do Bode Gaiato em sala de aula



Fonte: a autora

No gráfico 02, é possível observar o quantitativo referente às respostas dos docentes participantes da pesquisa, em que a maioria (71%) afirmou não fazer uso dos *memes Bode Gaiato* em suas aulas. Assim, compreendemos que, alguns docentes atuantes na educação básica do município de Itapororoca-PB, sejam eles, da rede pública e/ou privada, não se utilizam desse gênero digital que aborda a linguagem nordestina, bem como, os elementos culturais presentes na região Nordeste do Brasil.

Observamos, portanto, a necessidade de conscientizar os docentes por meio de incentivos voltados a uma formação continuada. Para que assim eles possam desenvolver atividades que contemplem os discentes como agentes do próprio aprendizado, de modo que eles possam se sentir inseridos, se identificar e, conseqüentemente, alcançar uma reflexão sobre as variedades linguísticas a partir da análise de *memes* do *Bode Gaiato*, haja vista pontuarmos neste estudo, a prática docente de um município paraibano, mas que nem todos que nele residem são de origem nordestina. Nessa constância, Paiva (2018) afirma:

[...] o gênero *meme* “Bode Gaiato” é um rico material para se trabalhar a variação linguística sob a ótica de outras comunidades de falantes. Considerando um gênero de circulação instantânea que extrapola as fronteiras territoriais e sua aceitação entre os usuários digitais, o *meme* “Bode Gaiato” torna-se uma proposta didática consistente para os estudos da variação linguística, comumente restrita ao personagem Chico Bento e a textos de compositores como Adoniram Barbosa, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré (PAIVA, 2018, p. 118).

À luz das proposições de Paiva (2018), observamos que o trabalho da variação linguística ainda está muito restrito a atividades voltadas a conteúdos habituais, assim como a exemplos que são frequentes nos livros didáticos e, por essa razão, compreendemos os motivos pelos quais os docentes ainda não tenham introduzido atividades didáticas voltadas às análises dos *memes* do “Bode gaiato”. Porém, é necessário que docentes de Itapororoca-PB abordem, em suas aulas de língua portuguesa, gêneros discursivos/textuais que valorizem e resgatem a identidade nordestina, acrescentando propostas que vão além das que constam nos livros didáticos.

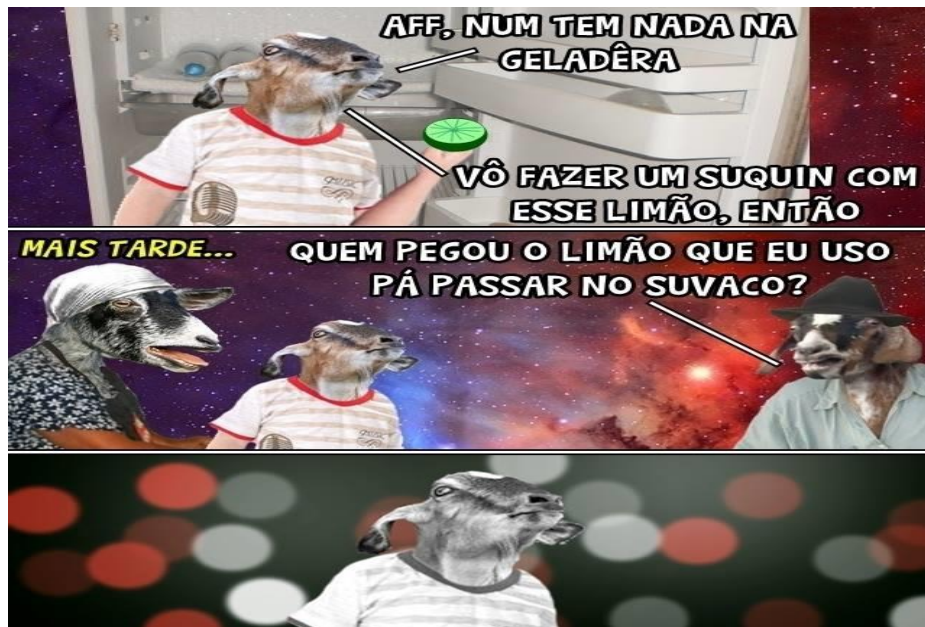
Também notamos que há professores - 29% - que trabalham ou já trabalharam com o texto virtual do “Bode Gaiato”. Ou seja, percebemos que já há engajamento de propostas pedagógicas que possam atrair a atenção dos educandos e levá-los a refletir e valorizar as variedades linguísticas, bem como problematizar assuntos da sociedade da informação globalizada.

Por último, selecionamos um *meme* do *Bode Gaiato* (vide figura 02) que aborda a linguagem nordestina, bem como as características culturais da região Nordeste. Ainda sobre

o *meme* selecionado, segundo Souza-Silva & Lopes (2020, p. 443), identificamos “[...] temática da vida cotidiana, da relação entre os familiares e dos comportamentos humanos.”. Ou seja, apresentamos aos docentes um possível texto virtual para trabalhar a variação linguística no contexto informal, em que a comunicação ocorre em meio ao seio familiar.

Assim, nossa análise se detém a verificar de que forma os docentes utilizariam esse texto em aulas de língua portuguesa. Por essa razão, perguntamos da seguinte forma: *Caso fosse levar para a sala de aula esse meme do Bode Gaiato para uma análise, quais aspectos sociais e linguísticos você poderia focalizar junto aos discentes?*

Figura 02: Limão no “suvaco”



Fonte: <<https://www.facebook.com/BodeGaiato/>> Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

A partir do texto acima os docentes responderam o seguinte:

Tabela 05: Respostas dos docentes

P. 01 – Resumidamente, poderíamos analisar o meme por meio das variações regional, estilística e social.

P. 02 - Poderia abordar aspectos sociais, estilísticos, o próprio gênero textual, o uso da linguagem. Certamente, seria um momento de aprendizagem e descontração.

P. 03 - Seria abordado o convívio familiar, onde é perceptível que não houve um acompanhamento educacional escolar e a criança é moldado de acordo com essa convivência. Ao ir à escola, em muitos casos, mesmo ouvindo e escrevendo as palavras de acordo com a Gramática normativa, o vício de linguagem permanece.

P. 04 - O texto acima apresenta um humor muito direto. De princípio, ocasionaria um interesse de parte dos alunos, pelo fato de ser uma página com um conteúdo muito engraçado. As palavras apresentadas, como: “geladêra”, “vô”, “suquin”, “suvaco”, são

muito ouvidas no nosso cotidiano, e prontamente, os meus alunos saberiam do que se tratam. Nesse sentido, utilizaria o meme para destacar essa forma de linguagem, que não é errada, quando apresentada de forma oral, o que determina a forma de variação linguística, presente em determinada região do Brasil.

P. 05 - A linguagem usada para entender o momento.

P. 06 - Gênero meme (estrutura, finalidade etc.) Linguagem verbal e não-verbal, humor, variação linguística etc.

P. 07 - História, regional e social.

Fonte: a autora

A partir da leitura acerca das respostas dos docentes, percebemos o posicionamento favorável sobre a utilização do *meme* em destaque, em que os professores (01), (02), (05), (06) e (07) compreendem a importância do *meme* do *Bode Gaiato* para tratar de temas relevantes para o ensino/aprendizagem. Eles destacam, em suas respostas, a possibilidade de incluir tal gênero textual para desenvolver atividades voltadas a variação linguística, compreendendo que “no espaço digital, os *memes* disseminam instantaneamente contextos comportamentais e culturais entre indivíduos que se familiarizam em aspectos sociais, culturais e históricos abordados pelos mesmos” (PAIVA, 2018, p. 54).

Como se vê, a proposta de se trabalhar com o *meme* do *Bode Gaiato* nas aulas de língua portuguesa pode ter importância para a valorização acerca das variantes linguísticas e, além disso, oportuniza abordar, junto aos discentes, o gênero digital *meme*. Pontuando os elementos estruturais do gênero *meme* e suas características, sendo ele marcado pela presença do humor, além da presença de uma linguagem verbal e não-verbal.

Não obstante, destacamos a resposta do professor (04) que pontua sobre uma das características principais do *meme*: o humor. Ressaltando que esse atributo cômico nas aulas de língua portuguesa ocasionaria em um momento interativo entre os envolvidos. Para que seja possível lograr êxito ao trabalhar a variação linguística, a partir do *meme* em destaque, oportunizando um momento lúdico e reflexivo, no qual o respeito linguístico possa ser buscado. Como ressalta Bagno (2007a):

O mais importante de tudo é preservar, no ambiente escolar, **o respeito pelas diferenças linguísticas**, insistir que elas não são “erros” e até mesmo tentar na medida do possível, mostrar a lógica linguística delas. Para isso, é claro, a professora tem de se preparar, fazer suas pesquisas, reconhecer os fenômenos que aparecem naquele material e tirar deles o melhor proveito (BAGNO, 2007a, p.125, grifo do autor).

Ainda sobre os dizeres do educador (04), destaca-se no texto palavras do nosso cotidiano, mas que não seguem as normas gramaticais e que não devem ser consideradas “certas” ou “erradas”, ou, tampouco, devem servir como atividade de correção e, sim,

conscientização acerca das motivações linguísticas e extralinguísticas que levam a língua a variar. Como bem exclamam Souza-Silva & Lopes (2020) sobre as variedades fonético-fonológicas presentes no *meme* em análise:

[...] “pá” que resulta de “para” que também se identifica “pra”, ocasionando na queda de dois fonemas no interior da palavra; adiante, na mesma figura, temos o termo “suvaco”, marcado foneticamente pelo /u/ invés do /o/, além do termo que é uma variedade lexical de axila. Por fim, temos a monotongação em “geladêra”, o ditongo “ei” sofre apagamento da semivogal /i/, ocorrência comum no processo de mudança das línguas naturais (SOUSA-SILVA; LOPES, 2020, p. 444).

Depois, ao analisarmos o posicionamento do professor (03), observamos o destaque dado a variação linguística ocasionada pelo grau ou até mesmo a falta de escolaridade, marcantes na fala e na escrita dos personagens constituintes no *meme Bode Gaiato*. Assim, a resposta desse docente estão ancorados na constatação de Bagno (2007a, p. 44, grifo do autor) que reforça: “As pesquisas linguísticas empregadas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o **grau de escolarização** que, em nosso país, está muito ligado ao *status socioeconômico* [...]”. Dessa forma, ressaltamos em nosso estudo que os fatores extralinguísticos são grandes influenciadores para a ocorrência do fenômeno da variação linguística, em que pessoas de classes sociais elevadas são privilegiadas pela possibilidade de estudar mais do que aqueles que possuem um nível de renda inferior.

Ainda sobre a resposta do educador (03), constatamos outro fator importante para o favorecimento das variedades linguísticas, sendo este, o convívio, muitas das vezes com familiares, em que a relação discursiva não apresenta monitoramento estilístico da língua. Por essa razão, o docente participante afirma que há casos em que o discente não tem contato com a norma padrão, e segue com sua linguagem moldada a partir da convivência com pessoas que desconhecem a norma padrão, para permanecer com os “vícios de linguagem”. Neste cenário, Paiva (2018) ressalta que:

[...] para a representação discursiva, a linguagem não deve ser vista apenas pelo aspecto gramatical, mas deve ser entendida e explorada considerando-se os aspectos ideológicos. Destarte, elementos sociais e culturais que fundamentam uma ideologia estão presentes e refletidos na produção do discurso por um sujeito histórica e geograficamente situado (PAIVA, 2018, p. 50).

Em linhas gerais, os professores colaboradores (02), (03), (05), (06) destacam em suas respostas os aspectos da linguagem característica da região Nordeste, oportunizando um estudo acerca da variação linguística. Não obstante, os docentes (01) e (07) ressaltam sobre os fatores extralinguísticos, justificando em suas respostas que o fenômeno da variação linguística ocorre pela heterogeneidade social, cultural, entre outras causas. Porém, o

professor (04) se destaca por contemplar em sua resposta as características da usualidade da língua, que não deve ser considerada “errada”, compreendendo que os fatores extralinguísticos contribuem para a ocorrência da variedade linguística.

Portanto, ao longo da nossa pesquisa, conseguimos observar que práticas pedagógicas desenvolvidas no ensino de língua portuguesa, no município de Itapororoca-PB, necessita de incentivos para o desenvolvimento de uma educação continuada que incentive as práticas pedagógicas contemporâneas, acerca do ensino/aprendizagem da linguagem.

Todavia, compreendemos que o professor, algumas vezes, se sente encurralado pelas atividades educativas propostas pelo livro didático e pelo pouco investimento em recursos tecnológicos para o desenvolvimento de uma educação moderna e inclusiva, a qual os alunos estão completamente inseridos no “mundo” virtual. Assim, é válido destacar em nosso estudo a compreensão dos professores envolvidos sobre a relevância da sociolinguística nas aulas de língua portuguesa, pois identificamos professores conscientes e comprometidos com o ensino/aprendizagem crítico e reflexivo.

Outrossim, encontramos, nas respostas dos professores, posicionamentos favoráveis à utilização de diversos gêneros discursivos/textuais, haja vista que, é através deles que desenvolvemos a comunicação. Além da compreensão de que com o avanço da tecnologia os meios de comunicação tendem a expandir, corroborando para o surgimento de “novos” gêneros discursivos/textuais, bem como os gêneros digitais, oriundos da internet, que destacamos em nossa pesquisa o gênero *meme*, através de exemplo do *Bode Gaiato* para observarmos o posicionamento dos docentes sobre a sua utilização em aulas de língua portuguesa.

Por fim, concluímos que os docentes envolvidos nessa pesquisa apresentam práticas pedagógicas relevantes ao ensino da variação linguística, compreendendo as diferenças geopolíticas, socioeconômicas e culturais dos educandos, que fortemente são refletidas no processo comunicativo. Portanto, enfatizamos a importância de uma educação reflexiva com a qual se possa conscientizar os docentes sobre a diversidade linguística presente em nosso país, para que assim possamos, mesmo que em curtos passos, romper o preconceito linguístico que ainda é muito latente em nossa sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das nossas discussões, não tivemos a intenção de apontar “erros” sobre as atitudes dos professores que atuam na educação de língua portuguesa, no município de Itapororoca – PB, e sim, observar o posicionamento acerca dos fenômenos da variação linguística no contexto escolar, compreendendo os paradigmas da Sociolinguística Variacionista, que apresenta diferentes fatores para a ocorrência desse fenômeno, bem como os estudos da Sociolinguística Educacional, que se preocupa em galgar por um ensino de língua real, considerando que a variação linguística ocorre por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Nesse sentido, consideramos que nossas análises e que as respostas dos docentes foram relevantes, proveitosos e oportunizaram a reflexão. Em nossa pesquisa percebemos as concepções significativas acerca dos estudos que contemplem a variação linguística nas aulas de língua portuguesa, para que, assim, seja promovido um empoderamento linguístico dos discentes, principalmente com aqueles que migram de uma região para outra e sofrem com o preconceito linguístico. Outrossim, pretendemos, em nossa pesquisa, indicar que os recursos digitais podem ser de grande valia para o ensino de língua, haja vista que, os discentes em idade escolar estão completamente inseridos no ambiente virtual.

Nessa perspectiva, identificamos que os professores reconhecem a relevância de inserir novas práticas pedagógicas nas aulas de língua portuguesa, considerando o estudo da variação linguística contextualizada a diferentes gêneros textuais/discursivos e digitais, inclusive os *memes* do Bode Gaiato, ainda que nem todos já tenham feito uso desse item sociocomunicativo. Haja vista sua grande circulação nas redes sociais, é ferramenta muito utilizada pelo mundo globalizado para promover a comunicação.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem os discentes como detentores do saber, nos quais eles sejam vistos como sujeitos no processo do ensino/aprendizagem, de modo a considerar e valorizar todas as suas variedades linguísticas. Para tanto, a utilização dos gêneros discursivos/textuais, assim como os digitais, é de suma importância para que os alunos possam aguçar a reflexão. Esperamos que esta proposta possa contribuir para o reconhecimento de novas práticas pedagógicas, como também servir de resposta para indagações já existentes acerca da temática. E, que venha também a servir de fundamentação e provocação para outros estudos, especialmente em perspectiva intervencionista nos moldes de pesquisa-ação.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, W. S. de. **O ensino de língua portuguesa**: discussões e perspectivas. 2016. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.
- BEZERRA, B. G. Gêneros discursivos ou textuais? In: **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceitos. São Paulo: Parábola, 2017, p. 17-32.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S.M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: língua portuguesa**. Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 17-46.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 141-155.
- FACEBOOK. **Bode Gaiato**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BodeGaiato/>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. – 59ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GALLI, F. C. S. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e Gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 147- 164.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HORA, D. Sociolinguística(s)? In: MATZENAUER, C; HORA, D. (org.). **Linguagem: variação e estrutura da língua**. In: Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. Rio de Janeiro, 2017.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018). In: CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 85 -125.

LEITE, J. E. R. **Sociolinguística Interacional e a variabilidade cultural da sala de aula**. v. 7. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 147- 186

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010a, p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e Gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010b, p. 15- 80.

MARTINS, C. M. da R. **Gêneros digitais no livro didático de língua portuguesa: uma presença possível**. 2016. 145f. Dissertação (Programa de Pós – Graduação Profissional em Letras – PROFLELETRAS) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

MILROY, J. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (org). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 49-87.

MOLLICA, M. C. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L., (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2020, p. 09-14.

OLIVEIRA, M. R. de; WILSON, V. Linguística e ensino. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 235- 242.

PAIVA, N. M. da S. **“BODE GAIATO”**: uma proposta para o ensino da variação linguística no livro didático. 2018. 171f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLELETRAS) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018.

PAULA, M. R. de. Gêneros textuais no ensino: Contribuições às construções do sujeito de sujeitos e reflexivos e autônomos. In: OSORIO, E. M. R. (org.). **Mikhail Bakhtin e os gêneros do discurso na educação**. São Carlos: Predo & João, 2011, p. 191-200.

PORTAL G1. **Bode gaiato criado por recifense vira mania e atinge multidão de faz na Web**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernabuco/noticia/2013/05/bode-gaiato-criado-por-recifense-vira-mania-e-atinge-multidao-de-fas-na-web.html>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

PORTAL ITAPOROROCA. **História de Itapororoca-PB**. Disponível em: <<https://www.itapororoca.pb.gov.br/portal/a-cidade/historia>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

ROJO, R. H.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, E. C. da. **A abordagem da variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa no Ensino Fundamental II**. 2021. 75 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em Letras com habilitação em Português) – Instituto Federal do Espírito Santo, Venda Nova do Imigrante, 2021.

SOUZA-SILVA, A. L. da. **Gíria LGBT como empoderamento linguístico: a construção de sentidos no gênero "meme"**. 2019. 76f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

SOUZA-SILVA, A. L. da. **O pajubá no ENEM: preconceito e diversidade linguística**. 2020. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2020.

SOUZA-SILVA, A. L.; LOPES, P. A. D. O trato da variação linguística contextualizado ao meme do bode gaiato: experiência de estágio numa escola pública de Guarabira – PB. In: STIN, C. C.; *et al* (org.). **Semana de letras: Letras Ativas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020, p. 438-448.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidade de práticas. In: **XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina**. ALFAL, 2014.

APÊNDICES

Apêndice A – TERMO DE CONSENTIMENTO E QUESTIONÁRIO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E MEMES DO BODE GAIATO: O QUE DIZEM DOCENTES DE LP DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE ITAPOROROCA-PB?

Termo de consentimento livre e esclarecido do participante

Caro participante, a seguir, você irá assinalar o item "sim", autorizando a sua participação voluntária na pesquisa intitulada "Variação linguística e memes do Bode Gaiato: O que dizem docentes de LP da educação básica de Itapororoca -PB?", desenvolvida pela graduanda Marina Alves do Carmo como pesquisa de conclusão de curso (TCC) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob orientação do Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva.

Dito isto, estás ciente de que os procedimentos que compõe a referida pesquisa (formulários, questionários e/ou entrevistas) não terão custos e desconfortos para você, também não tendo riscos envolvidos. assim, você autoriza os responsáveis pela pesquisa a conservar, sob sua guarda, os resultados da pesquisa, assim como a utilizar estas informações sobre o participante em reuniões, congressos e publicações científicas, uma vez que sua identidade estará mantida em sigilo.

Também está ciente que terá direito a respostas de quaisquer dúvida que possam surgir ao longo da sua participação na pesquisa. Em hipótese alguma, você será identificado e poderá retirar este consentimento em qualquer momento da investigação, sem qualquer penalização.

Este termo de consentimento lhe foi apresentado, entendendo que seu conteúdo foi compreendido.

Itapororoca - PB, dezembro de 2021.

Marina Alves do Carmo, residente na rua Monsenhor José Coutinho, 295 - Itapororoca, PB - (83) 9 8734-2532.

***Obrigatório**

1. E-mail *

2. Você tem mais de 18 anos e concorda em participar da pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Pular para a pergunta 3

PERFIL DOS/AS
PARTICIPANTES

Nesta seção, iremos apresentar perguntas que irão nos permitir traçar seu perfil docente.

3. Grau de escolarização: *

Marcar apenas uma oval.

- Graduação
 Pós-graduação
 Mestrado
 Doutorado

4. Abaixo, selecione a opção que possa indicar a sua idade: *

Marcar apenas uma oval.

- 18-24
 25-31
 39-45
 45-50
 + de 50

5. Quanto tempo de atividade docente? *

6. Atua na rede de ensino: *

Marcar apenas uma oval.

- Pública
 Privada
 Pública e privada

QUESTIONÁRIO

Essa seção é destinada para que os participantes possam se posicionar acerca do trato da Variação Linguística nas aulas de Língua Portuguesa e o uso de gêneros textuais e digitais.

7. Você trabalha a Variação Linguística em suas aulas de Língua Portuguesa como um conteúdo curricular ou como um tema anual presente nas aulas de gramática?

Marcar apenas uma oval.

- Como conteúdo curricular proposto pelo livro didático
- Como tema cotidiano e comum das aulas de gramática

8. Você percebe fenômenos de Variação Linguísticas em suas salas de aulas? Se sim, como isso ocorre?

9. Durante sua experiência docente, alguma vez já presenciou algum episódio de preconceito linguístico? Relate.

10. A respeito dos gêneros textuais, como você enxerga a relevância desses objetos em sala de aula de língua portuguesa?

11. E, sobre o trabalho com gêneros digitais, você consegue dar espaço para o trabalho com os gêneros dessa natureza? Seja sua resposta "sim" ou "não", justifique.

12. Você já trabalhou com memes do Bode Gaiato em suas aulas?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Leia o meme abaixo para responder à pergunta que virá:



13. Caso fosse levar para a sala de aula esse meme do Bode Gaiato para uma análise, quais aspectos sociais e linguísticos você poderia focalizar junto aos discentes?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários